



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS

RAÍSSA KAYONNARA ALBUQUERQUE DE SOUZA

**VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA DE GÊNERO "FORA DA CAIXA": UMA ANÁLISE
DA PERSONAGEM JANETE EM *BOM DIA, VERÔNICA***

GUARABIRA

2022

RAÍSSA KAYONNARA ALBUQUERQUE DE SOUZA

**VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA DE GÊNERO "FORA DA CAIXA": UMA ANÁLISE
DA PERSONAGEM JANETE EM *BOM DIA, VERÔNICA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao Curso de Graduação em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduada em Letras

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof.^a Dr.^a. Rosangela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S345v Souza, Raissa Kayonnara Albuquerque de.
Violência psicológica de gênero "fora da caixa: uma análise da personagem Janete, em Bom Dia, Verônica [manuscrito] / Raissa Kayonnara Albuquerque de Souza. - 2022.
56 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Violência de gênero. 2. Violência psicológica. 3. Bom dia, Verônica. 4. Literatura. I. Título

21. ed. CDD 304.666

RAÍSSA KAYONNARA ALBUQUERQUE DE SOUZA


VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA DE GÊNERO "FORA DA CAIXA": UMA ANÁLISE DA
PERSONAGEM JANETE EM *BOM DIA, VERÔNICA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao Curso de Graduação em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduada em Letras


Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 05/ 12/ 2022.

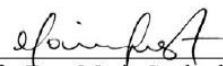
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria Suely da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, pelo exemplo de vida, resistência e sabedoria, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, por ter me ajudado em todos os momentos bons ou ruins de minha vida. Sem Ele, jamais chegaria onde estou. Com Ele, nada é impossível. Deus me deu coragem e motivação para percorrer essa jornada. Ele sempre nos guiou e sempre guiará os nossos caminhos.

Aos meus pais, Rosa Maria e Francisco de Souza, por sempre acreditarem no meu potencial; por todo o incentivo e investimento na minha educação e futuro ao longo da minha vida. Obrigada por todos os puxões de orelha, e ensinamentos, que foram exemplo de determinação para mim.

Ao curso de Letras/Português, que sou suspeita para falar, pois minha relação com a língua portuguesa está enraizada desde a infância, quando lia os livros didáticos, e me imaginava ensinando. A brincadeira de criança se tornou realidade, e hoje me sinto extremamente radiante. Aprendi ao longo desses anos, a maturidade que não tive em saber que sempre foi esse o caminho que pretendia seguir. Dediquei-me desde o início, mesmo sabendo das dificuldades, mas o amor que tenho pelo curso, me deixava feliz. Os caminhos ficaram mais fáceis, colhi muitos bons frutos, e hoje sou grata por tudo que compartilhei, conquistei e absorvi.

À minha querida orientadora, prof^o Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, pela orientação e confiança que depositou em mim para a elaboração deste trabalho. A senhora é um dos meus maiores incentivos para amar literatura. Há muitos anos, falavam que a professora Rosângela era excelente, e eu curiosa, saí do curso de Letras/Inglês sem ter a oportunidade de ter sido a sua aluna. E hoje estou aqui, para confirmar tudo que todos os alunos de letras dizem: Feliz de quem teve, tem ou terá essa oportunidade. O curso de Letras agradece. Minha eterna gratidão.

À professora Dr^a. Maria de Fátima de Souza Aquino e Me. Danielle dos Santos Mendes Coppi pela parceria e aprendizado ao longo de um pouco mais de um ano, no PIBID. Os adjetivos são poucos para descrevê-las. Devo muito a cada uma por todos os ensinamentos e troca de experiências que adquiri durante esse programa, o qual foi tão significativo para nós, estudantes. Para sempre lembrarei de vocês com carinho e espero encontrá-las novamente em outra oportunidade.

Aos meus colegas do PIBID, Alexcielly, Amanda Alves, Amanda Costa, Izabel, Junior, Luana, Mariana, Rita, Sthefany, Valquíria e Vinícius, pela amizade e parceria que o programa de iniciação à docência nos proporcionou em cada palestra, reunião e planejamento. A partir de um olhar mais próximo, conseguimos aprender e refletir sobre a realidade, percurso, vivências, alegrias e dificuldades da profissão. Trocamos experiências que jamais serão esquecidas.

Ao meu noivo e amigo, Gustavo, pela compreensão, paciência e carinho durante todo o tempo. Obrigada pelo incentivo e pelas palavras de apoio. Sua ajuda foi necessária para estar onde estou hoje.

Agradeço imensamente ao Dr. Wellington Marçal de Carvalho (UFMG), que no percurso da disciplina de Literatura Africana, ajudou a mim e ao meu colega de curso na elaboração de um artigo, posteriormente apresentado. Foi uma tarefa árdua encontrar livros de autores africanos, em especial guineenses, e com a colaboração de Carvalho, tivemos êxito em realizar este trabalho.

À professora Dr^a. Maria Suely da Costa, por ter a oportunidade de ter sido monitora da disciplina de Literatura Afro-Brasileira, que é tão urgente, necessária e enriquecedora. A partir dela, vi de perto a realidade de pessoas negras que enfrentam o racismo estruturalizado em nossa sociedade. Agradeço por ter adquirido essa experiência e tenho orgulho dessa vivência ter feito parte de meu percurso acadêmico.

À todos os professores que formaram a minha graduação. Lembrarei de cada um com amor, pois vocês foram essenciais ao longo do curso, em especial à Prof^a Dr^a Iara Ferreira, Prof^o Dr. Olavo Barreto e ao Prof^o Dr. Paulo Ávila.

Aos meus colegas de graduação da turma Letras/Português 2019.2, em especial a Aniele, Diego, Fabiana, Jaqueline, Juliana, Lucas e Natália, que compartilharam momentos alegres, tensos, parceria, risadas, amizade e companheirismo ao longo da nossa jornada acadêmica, e a Ana Heloíza, Jéssica, Laís e Nicolý, minhas amigas maravilhosas e que sou feliz por ter elas comigo.

Aos funcionários da UEPB pelos serviços prestados sempre que nós precisamos.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização do meu trabalho, ou do meu curso, meu muito obrigada!

RESUMO

A violência contra a mulher é um dos grandes problemas da nossa sociedade. Ela resulta de influências culturais, sociais e históricas, as quais fomentam e estruturam discursos patriarcais arraigados. Em razão da complexidade de percepções e da gravidade do assunto, a Lei nº 11.340/2006 foi criada, tipificando a violência de diversas maneiras, dentre as quais se encontra a violência psicológica. Ela é uma das formas mais perigosas de abuso, pois ocorre de forma sutil, velada e silenciosa, provocando danos emocionais e físicos significativos em suas vítimas, e por isso precisa ser analisada, alertada e investigada. Diante da dificuldade de identificação, incluiu-se a Lei nº 14.188/21 como um atual tipo de penalidade, que remodela e qualifica as condutas danosas praticadas pelos agressores, garantindo mais direitos às mulheres. No intuito de levantar discussões de temáticas sociais como esta que o presente trabalho utiliza elementos do romance e seriado *Bom dia, Verônica*, dos autores Raphael Montes e Ilana Casoy (2016;2020). É nesse contexto que esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a personagem Janete Cruz, vítima de agressões físicas e psicológicas, praticadas por seu esposo. Além disso, esta pesquisa busca, de maneira específica, descrever como ocorre a violência psicológica de gênero e suas principais problemáticas; refletir e discutir a condição da mulher enquanto ser social, e a partir disso, fazer uma leitura analítica de representação sobre a violência contra a mulher. Nesse sentido, tomamos como amparo teórico os estudos de Miller (1999), Neal (2018), Lacerda (2020), Santiago e Borges (2022). Podcasts, vídeos e revistas também foram utilizadas. A metodologia é de natureza qualitativa, bibliográfica e documental as quais foram fundamentais para se obter conhecimento e informação a respeito da temática abordada. Portanto, a partir do romance/seriado, vimos que a violência psicológica traz consequências danosas a saúde física e mental das vítimas, e por esse motivo apenas as leis não bastam. É preciso um conjunto de fatores e posturas de toda a sociedade, para se obter conhecimento, reflexão e informação.

PALAVRAS – CHAVE: Violência de gênero. Violência psicológica. Bom dia, Verônica. Literatura.

ABSTRACT

Violence against women is one of the major problems of our society. It results from cultural, social and historical influences, which foster and structure entrenched patriarchal discourses. Due to the complexity of perceptions and the seriousness of the matter, Law nº 11.340/2006 was created, typifying violence in different ways, among which is psychological violence. It is one of the most dangerous forms of abuse, as it occurs in a subtle, veiled and silent way, causing significant emotional and physical damage to its victims, and therefore needs to be analyzed, alerted and investigated. Faced with the difficulty of identification, Law nº 14.188/21 was included as a current type of penalty, which remodels and qualifies the harmful conducts practiced by the aggressors, guaranteeing more rights to women. In order to raise discussions on social issues such as this one, the present work uses elements from the novel and series *Bom dia, Verônica*, by the authors Raphael Montes and Ilana Casoy (2016;2020). It is in this context that this research has the general objective of analyzing the character Janete Cruz, a victim of physical and psychological aggression, practiced by her husband. In addition, this research specifically seeks to describe how psychological gender violence occurs and its main problems; reflect and discuss the condition of women as a social being, and from that, make an analytical reading of the representation of violence against women. In this sense, we take as theoretical support the studies of Miller (1999), Neal (2018), Lacerda (2020), Santiago and Borges (2022). Podcasts, videos and magazines were also used. The methodology is of a qualitative, bibliographical and documental nature, which were fundamental to obtain knowledge and information regarding the theme addressed. Therefore, from the novel/series, we saw that psychological violence brings harmful consequences to the physical and mental health of the victims, and for this reason laws alone are not enough. It takes a set of factors and postures of the whole society, to obtain knowledge, reflection and information.

Keywords: Gender Violence. Psychological Violence. Good Morning, Verônica. Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Janete é vendada e levada ao local de torturas por Brandão	21
Figura 2 - Verônica visita Janete	22
Figura 3 - Aumento de tensão psicológica em cenas do seriado <i>Bom dia, Verônica</i>	25
Figura 4 - Ciclo da Violência	35
Figura 5 - Por que as vítimas de violência não denunciam as agressões?	38
Figura 6 - 1º fase da Violência: Jogo de tensão e Gaslighting	45
Figura 7 - Sinais 2 e 3 da Violência.....	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PERSONAGEM DE FICÇÃO	13
2.1 Sobre os autores da obra <i>Bom dia, Verônica</i>	16
2.1.1 <i>Janete</i>	19
3 VIOLÊNCIA DE GÊNERO	27
3.1 Violência Psicológica “Fora da Caixa”	32
4 OS SINAIS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NA PERSONAGEM JANETE	43
5 CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco o tema da violência psicológica e de gênero no romance policial *Bom dia, Verônica*, dos autores brasileiros Raphael Montes e Ilana Casoy, através da personagem Janete Cruz, a qual se encontra em estado de inferioridade diante dos atos violentos praticados por seu marido, Cláudio Brandão.

Embora seja bastante conhecido o tema da violência contra a mulher, pouco se discute sobre outros tipos de violência que existem, mas não dizem respeito a agressões não-físicas. Um desses tipos é chamado de abuso. Ele ocorre através de manipulação emocional em um relacionamento, amoroso ou não, entre a vítima e o abusador. Este tipo de violência ocorre de modo sutil, por isso não é algo fácil de se detectar, pois quem está em um relacionamento destrutivo dificilmente se dará conta de que está vivendo este tipo de situação.

Bom dia, Verônica foi escrita pelo pseudônimo de Andréa Killmore, e alguns anos depois revelado os nomes verdadeiros de seus autores.¹ Tratam-se de Raphael Montes, um jovem escritor de romances policiais fictícios, e Ilana Casoy, criminóloga e escritora de livros de não-ficção, a qual tem especialidade em serial killers, bem como crimes reais e nacionais famosos, tais como os casos Nardoni e Richthofen.

Raphael e Ilana se conheceram em uma feira literária numa cidade de Minas Gerais. Em tom de brincadeira, Montes convida Casoy a escrever um livro em parceria com ele. A princípio, a criminóloga não conhecia o trabalho de Raphael e com isso decidiu ler alguns de seus escritos; gostou do que leu, e assim eles levaram essa ideia a diante. O desejo de Montes era escrever um romance de protagonismo feminino, já Casoy, através disso, dar um papel de destaque para as mulheres, as quais são invisíveis para a sociedade. Dessa forma, nasce a personagem Verônica e conseqüentemente, este romance policial supracitado.

A Netflix², plataforma de streaming, produziu uma série original adaptada à obra após Montes mostrar-se interessado – sem revelar que é autor do livro – em apresentar sua obra para

¹ BRASIL, Ubiratan. **‘Estadão’ revela quem é a dupla que escreveu ‘Bom, dia Verônica’**. Estadão. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,estado-revela-quem-e-a-dupla-que-escreveu-bom-dia-veronica,70002990216> Acesso em: 20 de abril de 2022.

² Plataforma de streaming online que disponibiliza e produz filmes e séries por assinatura. A série Bom dia, Verônica é uma de suas produções originais. Disponível em: https://about.netflix.com/pt_br Acesso em: 10 de abril de 2022.

executivos da plataforma.³ A estreia de *Bom dia, Verônica* ocorreu em 1º de outubro de 2020, e a segunda temporada foi lançada em 3 de agosto de 2022.

Bom dia, Verônica é uma obra literária escrita em 2016 pertencente ao gênero policial, de suspense e ficcional. O livro narra a história da personagem Verônica Torres, a qual é escritora de polícia de uma delegacia de homicídios de São Paulo. Por conta própria, a personagem busca investigar casos de violência contra as mulheres. Em um desses casos se encontra Janete, que sofre uma série de abusos de seu marido, Cláudio Brandão, Tenente Coronel da Polícia Militar. Através de Verônica, descobre-se na narrativa do romance que Brandão é um serial killer de mulheres.

Diante desse contexto, a personagem Janete representa uma importância e um impacto que pode trazer reflexões às pessoas que vivenciam semelhantes situações de violência, como como forma de estimulá-las à denúncia de seus algozes. A temática da violência foi fortemente abordada no livro, como também na adaptação em série pela Netflix, tanto que mensagens apareciam ao final de cada episódio, de modo a alertar e oferecer apoio às vítimas de violência, devido à proporção de seu conteúdo.

A escolha da obra *Bom dia, Verônica* se dá pela discussão que o romance e o seriado proporcionam a seus leitores ou telespectadores, quando se refere à violência de gênero. Um tema que tem como intuito trazer reflexões, e que tem o poder de proporcionar diversas discussões. Isso posto, o corpus da pesquisa está centrado na personagem, vítima no romance policial supracitado. A partir disso, este trabalho destaca a seguinte problemática: Como é possível detectar que a personagem Janete é vítima de violência psicológica?

Na direção dessas ideias, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a personagem Janete no seriado da Netflix, bem como na obra original. Como objetivos específicos, descrever o que é e como ocorre a violência de gênero, psicológica e o ciclo do abuso; e discutir e refletir sobre a condição de ser mulher na sociedade, no intuito de mostrar uma leitura analítica de representação sobre a violência contra a mulher. É válido ressaltar que o intuito deste trabalho não é fazer um estudo comparativo entre as obras, mas sim analisar a personagem, recorrendo ao texto literário quando necessário.

³ AMENDOLA, Beatriz. **'Bom dia, Verônica' é suspense que denuncia violência contra a mulher**. UOL. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/01/bom-dia-veronica-e-suspense-que-denuncia-violencia-contra-a-mulher.htm> Acesso em: 12 de abril de 2022.

Para isso, tomamos como referência os estudos de Candido (2004), Moisés (2006) em relação a como se caracteriza uma personagem; Siqueira e Rocha (2019), Santiago e Borges (2022), sobre a problemática da violência de gênero; Miller (1999), Neal (2018) e Lacerda (2020), em relação aos processos de relações destrutivas e do ciclo de violência de um abusador; as Leis nº11.340/2006 e 14.188/2021, as quais discutem o tema deste trabalho; bem como dos autores, Rocha (2007), Massi (2011) dentre outros.

Quanto a metodologia, este trabalho seguirá os passos de uma abordagem de cunho qualitativo, através da descrição e análise bibliográfica e documental dos objetivos, resultados e problemática da pesquisa. Para isso, nos baseamos nos estudos de Silveira e Córdova (2009, p. 32) as quais defendem que esta abordagem tem como foco a “objetivação do fenômeno, hierarquização das ações de descrever, compreender e explicar, precisão das relações entre o mundo social e o mundo natural”.

Ligando-se a esta definição, o presente trabalho será de cunho crítico-interpretativo, tendo como forma de procedimentos as pesquisas bibliográfica e documental, visto que não há vastos materiais acerca do romance supracitado. As referidas pesquisas se assemelham uma a outra, porém de acordo com Fonseca (2002, p. 32) “A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas.” Já a pesquisa bibliográfica “(...) se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. (...) o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.” (SEVERINO, 2013, p. 100). Nesse sentido, além de artigos, teses e livros, vídeos, podcasts, revistas e outros também serão utilizados para levantamento e análise de dados, o que permite a construção de reflexões e discussões acerca da temática da violência/abuso psicológico, eixo norteador deste trabalho.

Para efeito de estudo, nossa pesquisa será organizada da seguinte maneira: Inicialmente, o trabalho aborda questões sobre o conceito de personagens, suas características e constituições, em seguida é exposto o resumo da obra e do seriado Bom dia, Verônica, de forma contextualizada, dando destaque para Janete; Posteriormente, iremos trazer algumas constatações acerca da violência de gênero, bem como da condição feminina na sociedade, além disso, a pesquisa busca entender como ocorre a violência psicológica, como identificar, quais são as suas fases, e outras problemáticas. Em seguida, analisamos a condição de Janete enquanto vítima da violência partindo do romance/série, no qual destaca seus sofrimentos. Por último estão as considerações finais.

2 PERSONAGEM DE FICÇÃO

Em toda estrutura narrativa, a personagem é um ser atuante. Ela representa a fluidez das ações e fatos ocorridos da história, bem como auxiliam na contextualização e desenvolvimento de abordagens temáticas. Uma personagem se constitui a partir de modelos e fragmentos característicos da personalidade humana, sendo, portanto, essencial na construção de tramas fictícias ou verídicas.

A partir da leitura de qualquer gênero, seja uma crônica, conto ou romance que a personagem leva a imaginação, ao conhecimento, a indagação e a reflexão de assuntos e problemáticas de uma determinada trama às pessoas. Portanto, a personagem é essencial, pois ela é constituída através da representação da arte ficcional. Dessa forma, Campos (2009) destaca que “um personagem nada mais é do que a representação de pessoas e conceitos na forma de uma pessoa ficcional” (CAMPOS, 2009, p. 139).

Quanto a personagem de ficção, Gancho (1991) destaca que “Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais” (GANCHO, 1991, p. 11). Personagens podem também ser representados por objetos ou animais, mas que podem apresentar sentimentos e concepções semelhantes às características humanas. Nesse caso, eles motivam e despertam o interesse do público pela sua verossimilhança.

Nesse contexto, é fundamental compreendemos que a verossimilhança adequa uma coerência lógica entre ficção e realidade, no que tange às situações nas quais o ser humano pode considerar verdadeiras para si. Na verossimilhança pode haver identificação com os costumes e hábitos das personagens, por se reconhecerem dentro de vivências e/ou experiências específicas.

Esse termo equivale ao conceito da mimesis, no qual significa, à luz da poética de Aristóteles, a imitação do real, a partir da natureza e da arte. Essa definição pode ser estendida, conforme o filósofo, para “a personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto” (BRAIT, 1985, p. 29). O autor Antoine Compagnon (2014) nos explica mais sobre o assunto:

A mimesis não tem, pois, nada mais de uma cópia (do mundo real). [...] Os leitores são colocados dentro do mundo da ficção e, enquanto dura o jogo, consideram esse mundo verdadeiro, até o momento em que o herói começa a desenhar círculos

quadrados, o que rompe o contrato da leitura, a famosa “suspensão voluntária da incredulidade”. (COMPAGNON, 2014, p. 132-133).

A realidade sobreposta à ficção compõe mais um elemento da narrativa. Ou seja, uma história pode ser inventada, mas é preciso que haja congruência para o público alvo. Diante desse conceito que Moisés (2006) defende que essa cópia tem a representação de “personagens verossímeis à imagem e semelhança dos seres humanos, “gente” como nós. (MOISÉS, 2006, p. 181). Através disso, há uma preocupação em aproximar o leitor do texto, ou o espectador das telas, pois este é um fator determinante e é característico da literatura, em prol da arte e da cultura. E a personagem é um guia e agente ativo para essa finalidade.

Na direção dessas ideias que para Moisés (2006, p. 226) as personagens são “(...) “pessoas” que vivem dramas e situações (...) “representações”, “ilusões”, “sugestões”, “ficções”, “máscaras”, de onde “personagens” (do lat. *persona*, máscara).” Em determinados gêneros, como o romance, o autor explica que a quantidade de sujeitos atuantes pode variar conforme a obra, pois os autores têm livre arbítrio para escolher. Diante dessa variação de limitação, o autor explica que há uma hierarquia que classifica as personagens de acordo com a sua importância em uma obra. Elas podem ser definidas como protagonistas, secundárias e antagonistas.

Por outro lado, Moisés (2006) ressalta que podemos classificá-las de outro modo, independente de sua função ou relevância na trama. Aqui incluem-se as chamadas personagens planas, que possuem algumas características lógicas, mas sem profundidade no enredo; e as redondas ou tridimensionais, as quais são vistas como diferenciadas das demais, devido a personalidade complexa e universalidade que representam.

Além desses sujeitos serem representantes, as personagens também podem ser vistas e compostas de forma desestruturada, pois assim como o indivíduo, a primeira não está naturalmente pronta. É necessário o aperfeiçoamento, bem como de mecanismos, tais como a memória, observação e imaginação, e ou projeção, conforme ratifica Massaud Moisés (2006). Isso pode envolver dinamismos, camadas e amplitudes que determinam imagens sociais em razão da essência. Isso posto, Candido (2004) observa que

A personagem é um ser fictício - expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre esse paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da

fantasia, comunicar a impressão mais lidima verdade existencial. (...) o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 2004, p. 55)

O processo de criação de uma personagem segue etapas. Atitudes e ideologias, questões sociais e morais de pessoas reais contribuem de forma significativa nessa construção, além das vivências, experiências e situações que são aperfeiçoadas nessa criação. Além disso, “(...) tomando o desejo de ser fiel ao real como um dos elementos básicos na criação da personagem, podemos admitir que esta oscila entre dois pólos ideais: ou é uma transposição fiel de modelos, ou é uma invenção totalmente imaginária” (CANDIDO, 2004, p. 69-70).

Ainda referindo-se ao processo de criação, Field (2009) observa que o caráter e a caracterização de uma personagem são formas de atribuição, as quais fazem parte dessa construção. O autor nos diz que

seu caráter revela quem eles são por meio de suas ações e reações, de suas decisões criativas. Já a caracterização, por sua vez, é expressa por meio do seu gosto, da forma como olham para o mundo, das roupas que usam e dos carros que dirigem. (FIELD, 2009, p. 67)

Nesse sentido, podemos identificar que aspectos físicos, visuais, preferências, personalidades e os modos de agir de uma determinada personagem, são características de composição. Esses aspectos se moldam de acordo com a narrativa abordada. A partir dessa construção híbrida que o autor busca transmitir um vínculo e uma mensagem ou alerta para o espectador/leitor.

O desenvolvimento da personagem ou a transformação desta pode representar recriações e finalidades heterogêneas que guiam e modificam os rumos de uma trama. Além disso, na arte da atuação, a personagem precisa ter convicções e objetivos bem definidos a alcançar. Isso ocorre na literatura, bem como em outras esferas, tais como em produções audiovisuais.

Em seriados, por exemplo, essas características podem ser compostas com mais profundidade para explorar conexões e alternâncias de forma intensa entre as personagens. Nesse viés, as ações e reações são auxiliadas através de recursos, como a imagem, a luz, a câmera, o espaço, os gestos, o som. Elas são formas de condutas narrativas. Além disso, as

características da personagem, assim como o romance, também se modificam, pois as nuances do seriado são propostas com mais intensidade e desenrolar múltiplas, e com isso trazem novas experiências para o público.

O romance e a série “Bom dia, Verônica” traz em seu conteúdo características tão complexas que a narrativa se entrelaça e se desenvolve paralelamente, fazendo com que seus personagens tenham uma apreciação dinâmica das diversas situações, carregadas de suspense, emoção, angústia, medo, revolta e vitória. É diante dessa profundidade plural que conheceremos a personagem foco deste trabalho: Janete.

2.1 Sobre os autores da obra *Bom dia, Verônica*

Raphael Montes⁴ é um jovem escritor de literatura policial e roteirista. Nascido no Rio de Janeiro, Montes é formado em direito pela UERJ, mas seu real interesse estava na arte literária ainda na infância, através de sua tia-avó. Na adolescência, Raphael gostava de produzir contos policiais, além de escrever fanfics sobre personagens da autora Agatha Christie em uma rede social da época. Mas, foi em 2009 que Montes começou a publicar seus livros, a priori, antologias policiais.

Mais tarde, o escritor supracitado produziu seu primeiro romance, intitulado de *Suicidas* (2012), o qual ganhou adaptações e indicações de prêmios. Além desse, Raphael tem como principais obras: *Assassinos S/A* - participação com o conto *O amor por Esther* (2009); *Dias Perfeitos* (2014); *O Vilarejo* (2015); *Jantar Secreto* (2016); *Bom dia, Verônica* (2016); *Uma mulher no escuro* (2019), dentre outros.

Raphael Montes foi colunista do jornal O Globo (2015 - 2018), atuou na TV através do programa *Trilha das Letras* (2017 - 2019), na TV Brasil; foi roteirista da novela *A Regra do Jogo* (2015), pela rede globo, além dos filmes *A menina que matou os pais* e *O menino que matou meus pais*, (2020), bem como do seriado *Bom dia, Verônica* (2020), em parceria com Ilana Casoy.

Ilana Casoy⁵ é paulistana, escritora, roteirista e administradora formada, porém dedica a sua carreira a investigar mentes de criminosos, especializando-se em perfis de serial killers. Ilana buscou ter contato com esse ambiente policial, através de um estágio, acompanhando

⁴ Raphael Montes - Wikiwand. Disponível em: https://www.wikiwand.com/pt/Raphael_Montes Acesso em: 27 OUT 2022

⁵ Ilana Casoy. Wikiwand. Disponível em: https://www.wikiwand.com/pt/Ilana_Casoy Acesso em: 27 OUT 2022

perícias de homicídios. A autora resolveu se aprofundar nesses estudos por influência de seu tio, o jornalista Boris Casoy. Assuntos relacionados ao ambiente policial e crimes sem solução despertavam a curiosidade de Ilana desde sua infância.

Sua dedicação em estudar crimes reais e de grande comoção no Brasil lhe rendeu livros. Suas obras de destaque são: *O quinto mandamento* (2009); *A prova é a testemunha* (2010); *Casos de família - Arquivos Richthofen e Arquivos Nardoni* (2016); sua primeira obra de ficção, *Bom dia, Verônica* (2016), dentre outros.

Diante de seu reconhecido empenho, Casoy também atuou como colaboradora do canal *Investigação Discovery*; da série *Dupla Identidade* (2014), na rede globo, escrita pela autora Glória Perez; co autora da série *Bom dia, Verônica* (2020), pela Netflix; roteirista dos filmes *A menina que matou os pais* e *O menino que matou meus pais* (2020), que contam sobre o caso Richthofen. Os seus três últimos trabalhos foram em parceria com Raphael Montes.

A parceria entre Montes e Casoy se deu como um processo de complementação de experiências, na qual o resultado final foi satisfatório. Neste trabalho, Raphael trouxe recursos que geram transformações em seus personagens, pois sua zona de conforto está na criação de histórias ficcionistas.

Já Ilana buscou amparo na verossimilhança, pela sua experiência em lidar com inúmeros crimes reais. Esses fatores foram determinantes para o sucesso dos autores, mesmo tendo a consciência de que seria desafiador mudar e moldar etapas para a obra funcionar no audiovisual. Mas, em ambos os casos, o sucesso de *Bom dia, Verônica* foi garantido.

A adaptação para série trouxe algumas mudanças em relação ao livro. Em entrevista para o canal InstaCinéfilos⁶, no Youtube, o autor Raphael Montes conta que foi preciso redesenhar a curva dos personagens bem como dos perfis psicológicos desses sujeitos. Houve modificações sutis, além de alguns detalhes que foram retirados, novos personagens foram acrescentados, no intuito de dar um novo foco ao seriado, mas esses fatores não prejudicaram a essência da obra como um todo.

Ilana relatou uma dificuldade de aceitação para modificar, pois não era possível retratar a vida da personagem Verônica, dentro de sua mente, como abordado na obra, por exemplo. Diante dessas informações, o presente trabalho irá destacar o resumo do romance e do seriado

⁶ Bom dia, Verônica (Netflix) | Entrevista com o elenco e roteiristas. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal InstaCinéfilos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iZE3aPBgoAo> Acesso em: 28 de outubro de 2022.

de forma alternada e contextualizada, destacando ao longo deste estudo, algumas diferenças entre ambos.

Bom dia, Verônica é o título da obra produzida por Raphael Montes e Ilana Casoy em 2016, sob o pseudônimo Andréa Killmore e publicada pela editora Darkside. A Netflix baseou-se no livro homônimo dos autores para produção de uma série original, composta por 8 episódios, que teve sua estreia em 1º de outubro de 2020 na sua plataforma de streaming. Devido ao sucesso de crítica e público, uma segunda temporada foi produzida e lançada em 3 de agosto de 2022 com 6 episódios. Para tanto, este trabalho terá como foco a 1ª temporada da série, bem como o livro escrito. Além disso, é importante ressaltar que esta pesquisa não busca fazer um estudo comparativo entre romance e seriado, mas sim mostrar e analisar as violências sofridas pela personagem em torno da obra como um todo.

O enredo de *Bom dia, Verônica* traça duas histórias em paralelo. De modo cronológico, a primeira história é narrada pela protagonista Verônica Torres, a qual é escritora em uma delegacia de homicídios em São Paulo, que auxilia mulheres vítimas de violência. É a partir da personagem que conhecemos seus anseios e problemas, tanto familiares, como em seu trabalho.

Verônica passa por situações complicadas em seu ofício, pois o enredo inicia-se com um suicídio de Marta: uma mulher que foi dopada e abusada por um golpista na internet, e que não recebe o apoio apropriado das autoridades. Marta comparece na delegacia para buscar soluções sobre o seu caso. Sentindo-se fragilizada, Marta pega uma arma, tentando contra sua própria vida nesse ambiente policial. Ao vê-la nesse estado crítico, Verônica tenta impedi-la de tal ato, mas não obtém êxito. Na obra original, Marta se joga pela janela.

Depois desse trágico ocorrido, um vídeo do suicídio viraliza na internet, e os delegados se veem pressionados e darem uma resposta a mídia. A solução para eles é taxar a vítima de louca para não haver problemas futuros, no intuito de preservar a imagem deles e da instituição. Porém, Verônica não se dá por satisfeita com esse desfecho, e decide investigar o caso de modo oculto, ao contrário do romance original, no qual Verônica é impedida de atuar ativamente de quaisquer investigações. Mas, por iniciativa própria, o primeiro passo da escritora é conceder uma entrevista para a TV, fornecendo um número para encorajar mulheres a denunciarem as violências que sofrem.

A partir desse ponto, o livro e a série buscam o propósito de desvencilhar dois casos. Nesse contexto, conhecemos o caso da personagem Tânia, vítima de abuso, assim como Marta, através de um site de relacionamentos chamado “Amor Ideal”, na internet. No livro,

encontramos diferenças e mais detalhes sobre os desdobramentos deste caso. Verônica cria um perfil falso nesse site, investiga e conclui que o abusador é um necrófilo, pois as feridas presentes nas bocas das vítimas se tratam de um fungo cadavérico.

Na adaptação da Netflix, o agressor atrai mulheres nessa rede, no intuito de dopá-las, numa espécie de “boa noite, cinderela”, para depois estuprá-las. Por consequência da substância ácida presente na bebida, surgem sequelas nos lábios das vítimas. Além disso, o golpista coleciona fotos dessas mulheres dopadas nuas, bem como os seus sapatos. Na série, este caso aparece de modo secundário.

O segundo caso é narrado em terceira pessoa, de modo onisciente na obra original e fortemente abordada na série. Conhecemos a história de Brandão e Janete, que é o objeto de estudo deste trabalho. Aparentemente, trata-se de um casal no qual a mulher é dona de casa, e o marido, policial militar com uma vida “normal”, mas que esconde segredos assustadores que vão sendo descobertos ao longo da narrativa. Esses detalhes serão abordados ao longo deste trabalho.

2.1.1 Janete

Janete é uma mulher de 35 anos que morava no interior de São Paulo com sua mãe e três irmãs. Conheceu Brandão e entendeu que ele era o grande amor de sua vida. Assim, ela decidiu morar na cidade grande com seu esposo, contrariando o desejo de sua família. Brandão agora ocupava todo o espaço da vida de Janete, pois no início da sua relação matrimonial, o policial se mostrava atencioso e disposto a agradar sua esposa de todas as maneiras.

Sentindo-se amada, Janete resolve abandonar tudo para viver exclusivamente para o seu marido e para a sua casa. Mas, com o passar do tempo, a felicidade de Janete foi se tornando escassa, pois o comportamento de Brandão não era mais o mesmo. Ele é o antagonista da narrativa.

Brandão a fazia acreditar que não era necessário ter contato próximo com seus parentes, pois em seu ponto de vista, eles eram invasivos. Apaixonada e influenciada pelo marido, Janete decide se afastar de sua família aos poucos. Além disso, na sua casa não havia celular, e ela não tinha mais amigos. Janete “foi tirando da sua vida tudo o que pudesse ameaçar seu amor maravilhoso”. (CASOY e MONTES, 2016, p. 27). No seriado, Janete pede permissão ao marido para ligar para sua irmã, para parabenizá-la por seu aniversário, mas ao invés de respostas, há um silêncio prolongado.

No romance original, o início da vida triste de Janete começa a partir das ofensas de seu marido sobre coisas banais, reforçando que sua esposa não o agrada, pois não faz nada bom o suficiente. “- E essa torta se esmigalhando toda, hein? “Massa podre” literal, não é? E esse bife? Solou? Nem pra cozinhar você serve.” (CASOY e MONTES, 2016, p. 28). Para Janete, aquilo representava o ódio de uma pessoa que ela desconhecia até então, porém, ela tratou a situação de modo passivo, pois tinha medo das reações do seu esposo.

Na adaptação da Netflix, encontramos outra situação embaraçosa na vida da personagem. De modo acidental, Janete suja a camisa do seu marido com a comida do jantar e se desculpa. Mas, para puni-la, Brandão joga toda a comida em sua própria roupa, a rasga em seguida e a acusa de não saber fazer nada corretamente.

A primeira aparição do casal na série leva o telespectador a entender que o sofrimento de Janete se dá pela dificuldade dela em gerar filhos. A priori, esse seria o motivo da frustração do marido. Porém, a partir do momento que vamos entendendo a história, vamos conhecendo que Janete era uma mulher corajosa, cheia de vida e decidida. Com o passar do tempo, vimos uma mulher oprimida, insegura, e com um constante medo do marido. A vida cruel que Janete leva vai além de aguentar humilhações.

Ao longo da história, Brandão realiza rituais macabros no intuito de capturar mulheres. Seu método é procurar meninas jovens em rodoviárias, todas vindas do Maranhão, com a promessa de emprego de doméstica. Para isso ser feito, Janete é constantemente obrigada a ajudá-lo nessa captura. Isso se dá por uma simples abordagem. Inocentemente, as moças acompanham Janete e são surpreendidas pelo policial militar.

Após a moça ser colocada no porta-malas do carro por Brandão, Janete é vendada e levada para um local distante e sinistro – um sítio- juntamente com a moça sequestrada. O ápice do constrangimento se configura através de um objeto. Conforme a Figura 1, Brandão cobre a cabeça de Janete com uma caixa de madeira. Nela há um pequeno furo na altura dos olhos, para que ela observe as torturas de forma ainda mais macabra.

Figura 1 - Janete é vendada e levada ao local de torturas por Brandão



Fonte: Captura de tela da série produzida pela Netflix (2022)

Brandão veste as vítimas com uma roupa branca, penduram-nas através de ganchos, e abusa sexualmente delas. A intenção do policial militar é torturar, matar e punir as mulheres, baseando-se em sua mãe, que o abandonou quando criança. Utilizando-se de imagens de santos, óleos e outros elementos, Brandão encontra-se com a sua avó, numa espécie de ritual religioso localizado próximo ao cativoiro.

A esposa do policial não tem pleno conhecimento sobre o que acontece com as vítimas de Brandão, mas seus pensamentos entram em conflito. Ela acha que

É cúmplice de um fascínora, agente passiva de uma maldade que se repete cada vez com mais frequência. Vive de susto em susto, mas não consegue escapar da situação. Sente vergonha, morre de culpa, planeja cada palavra que vai dizer a seguir e... aceita. Obedece. Chora, se desespera. E não reage, não pode perdê-lo, não pode simplesmente fugir e deixá-lo para trás, ele a buscaria até o fim do mundo. Não pode traí-lo. É medo misturado à paixão. E teme demais por si mesma. Meu Deus, se um dia ele fizer com ela o que imagina que ele faz com as outras. (CASOY e MONTES, 2016, p. 44)

Conforme vemos nas imagens, Janete presencia as torturas através da caixa de madeira em sua cabeça. Embora não veja de modo nítido as torturas, ela ouve perfeitamente os gritos agonizantes das vítimas. A partir dessa realidade insuportável que “Janete tem vontade de chorar, mas não chora. A culpa também é dela.” (CASOY e MONTES, 2016, p. 47).

Contudo, surge a escrivã de polícia Verônica Torres, que cruza o seu caminho. Através de um número de telefone que Verô⁷ concede em uma entrevista para um jornal da TV que chama a atenção de Janete. Ela anota o número que vê em um caderno de palavras cruzadas. Na série, Brandão toma o caderno de sua mão, verificando o que tem nele anotado, o que deixa Janete mais uma vez apreensiva.

Após muito pensar, Janete decide ligar para Verônica, na primeira vez sem sucesso. Nesse momento, “a decepção desmonta Janete. Ela desliga, certa de que está ficando louca. Rapidamente, faz ligações à padaria e ao açougue até apagar o telefonema do registro.” (CASOY e MONTES, 2016, p. 30). Após outras tentativas, a escrivã atende a sua chamada. Interessada na história, Verônica procura entender quais os motivos que levaram Janete a ligar.

Em um instinto impulsivo, Verô descobre o endereço de Brandão através de Nelson, seu colega de trabalho. No seriado, o militar percebe que sua esposa esconde um celular de uma das vítimas, e a obriga a engolir o chip. Verônica, escondida, presencia tudo. No dia seguinte, a escrivã retorna a casa para conversar com a esposa agredida. Janete não se comporta de forma amistosa nesta visita, além disso, não responde às perguntas por medo e culpa. Na Figura 2, veremos que Verônica demonstra empatia e acolhimento. A partir disso, aos poucos, Janete relata a sua vida cercada de abusos cometidos pelo marido.

Figura 2 - Verônica visita Janete



Fonte: Captura de tela da série produzida pela Netflix (2022)

Verônica procura ouvir Janete de modo cauteloso para que ela se sinta a vontade para falar. Para Janete é sua responsabilidade o que acontece com as jovens que seu marido tortura. “- Janete, por que você nunca procurou a polícia antes? “- Medo... medo de ninguém acreditar

⁷ Ao longo da narrativa do romance e do seriado, Verônica é tratada dessa forma pela maioria das personagens.

em mim, medo de ir pra cadeia, medo do que vão dizer, medo de morrer.” (CASOY e MONTES, 2016, p. 84). Na ocasião, Janete relata que as pessoas confiam e gostam do seu marido, o que dificulta a crença de que Brandão cometa atos violentos. Nesse sentido, ela tem medo de fugir, pois acredita que o policial pode matá-la.

Após esse momento, Verônica busca o apoio do seu padrinho e delegado sem êxito. A partir do momento que Carvana tem conhecimento que o agressor é um policial militar, não tem a intenção de investigá-lo. Ao longo do seriado, entendemos que Brandão faz parte de uma possível organização criminosa que envolve outros policiais e pessoas poderosas. Por esse motivo, e com a negativa do delegado, a escritã tem apenas a ajuda do seu colega, Nelson. Na obra original, Verô não procura a ajuda da polícia, além disso, não existe nenhuma menção a corrupção policial.

Dias depois, Verônica arranja uma escuta para Janete na intenção de armar um flagrante. Nesse sentido, há uma combinação entre as duas para saber o momento exato que o policial vai atacar novamente. Após o aviso de Janete, a escritã segue o carro do tenente até o sítio. Janete acha que está amparada por uma equipe policial, e por isso retira a caixa de sua cabeça, na tentativa de salvar a vítima da vez. No romance e no seriado, Verô está sozinha, perde a localização do carro de Brandão, e os planos de captura não seguem como o esperado.

Por ter tentado fugir, Janete é espancada pelo marido. Dessa maneira, ela passa a não confiar em Verônica. Nesse meio tempo, a esposa agredida descobre que está grávida e acredita que isso faria Brandão mudar. É importante ressaltar uma divergência entre livro e série nesse ponto. Ao contrário do seriado, Brandão não desejava ser pai na obra original. Essa foi uma das mudanças mais fortes do enredo em relação ao casal, pois na série, a personagem analisada tinha dificuldade de gerar filhos, e a justificativa para as violências de Brandão seriam por esse motivo. No romance, Cláudio culpa a sua mãe pelos seus atos.

Na obra original e no seriado, a personagem conta que está grávida e busca entender os motivos pelos quais seu marido comete violências. Na adaptação, a esposa de Brandão pergunta sobre a sua avó, a mãe e o pai do marido, mas há mais silêncio do que respostas. No romance, há um diálogo entre os dois em que ele revela um pouco de sua história com a avó que o criou, após sua mãe o abandonar. Esse diálogo reforça a empatia de Janete, sendo este um fator determinante para que ela desejasse cortar os laços com Verônica. Após a escritã procurá-la, Janete diz que

– O Brandão mudou, as coisas vão se acalmar, em um fio de voz. – Ele me contou a verdade, as peças se encaixaram, a vida dele foi uma tristeza. Tudo o que ele passou com a avó e a mãe é trauma suficiente pra abalar qualquer um, mas... agora é diferente. Ele vai ser pai. (CASOY e MONTES, 2016, p. 191)

Verônica tenta alertá-la, pois vê os hematomas visíveis no corpo de Janete. Nesse sentido, a escritora explica que Brandão é um agressor, assassino e não haverá mudanças em seu comportamento. Isso faz com que a esposa do policial fique pensativa. Na ocasião, a escritora sugere que Janete mate Brandão envenenado.

Com o frasco fornecido por Verô, Janete pensa no filho e decide não matá-lo. Mas, percebendo que o tenente não vai mudar, ela resolve colocar veneno no chá que ele prepara para realizar seus rituais. Mas para a sua surpresa, quem morre é a avó de seu marido. Com excesso de raiva, Brandão atea fogo em sua esposa e ela morre carbonizada. Este é o momento de maior tensão do enredo.

Depois da tragédia, Brandão descobre que Janete teve ajuda, após ele confiscar o telefone e chegar ao número da delegacia de homicídios. O policial acredita que o delegado Wilson Carvana está envolvido e decide sequestrá-lo e matá-lo. Após um tempo sem nenhum contato e preocupada, Verônica encontra a casa de Janete revirada, e assim suspeita que ela esteja morta.

Ao achar e ler o caderno de palavras cruzadas, a escritora percebe que Janete deixou pistas do local que Brandão a levava. Chegando ao sítio, Verô se depara com Carvana e a mulher de Brandão mortos. Em um excesso de fúria, Verônica troca tiros, imobiliza e atea fogo no corpo do tenente agressor, fazendo justiça com as próprias mãos. Para fugir do flagrante, Verônica forja a própria morte com a ajuda do seu amigo médico legista. Portando o RG de Janete, a escritora assume uma nova identidade, deixando toda a sua vida e o seu trabalho para trás.

A personagem Janete é uma representação fictícia e densa de inúmeras vítimas da violência. Em entrevista ao *podcast* Modus Operandi (2020)⁸, a co-autora Ilana Casoy conta um pouco da construção dessa personagem. Diante de sua experiência em estudar crimes reais, como os de serial killers, que ela conheceu a história de vítimas, mulheres de assassinos em série, as quais também sofrem com a culpa que carregam por envolvimento nos casos, assim como essa personagem. Depoimentos reais de vítimas ajudaram nessa construção. Mas, Ilana

⁸ MODUS OPERANDI. Bom dia, Verônica | Ilana Casoy e Raphael Montes falam da série. Youtube, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VEpC_GI-o6c acesso em: 28 de agosto de 2021.

revela que Janete nasceu a partir da soma de vítimas imaginárias e reais. A partir disso, podemos notar a importância da personagem para a trama.

Sob o aspecto estrutural da narrativa, Janete pode ser considerada personagem redonda, pois de acordo com Moisés (2006), este tipo “(...) tem profundidade e revelam-se por uma série de características, ao contrário das planas, identificadas, pelo desenvolvimento excessivo de uma virtude ou de um vício. Dinâmicas, as coisas se passam dentro delas e não a elas. Por isso surpreendem o leitor pela “disponibilidade” psicológica, semelhante à dos seres vivos”. (MOISÉS, 2006, p. 230). Além disso, o autor explica que essa dinamicidade da personagem se transforma em símbolo, pois adquirem comportamentos, emoções e complexidades “(...) duma “possibilidade” humana por momentos elevada à sua dimensão mais alta” (MOISÉS, 2006, p. 232).

Em razão dessa dinamicidade, houve reconfigurações na personalidade da personagem. No romance, os sentimentos de Janete oscilavam entre o medo e a culpa, entretanto, estava aprisionada a uma paixão incondicional pelo marido. No seriado, a postura da esposa de Brandão era de cautela e desconforto.

Veremos, na Figura 3, que é perceptível todos os momentos apavorantes no olhar, nos gestos, a angústia, o medo, a tensão em volta dos personagens mesmo em situações as quais havia apenas silêncio, pois, esses momentos de aflição revelavam ao espectador o terror psicológico que Janete enfrentava todos os dias. A sensação para quem assiste, é de que Brandão poderia surpreendê-la a qualquer momento. De modo geral, observamos que a variação de emoções e atitudes da co-protagonista evoluem ao ponto de causar outros resultados em relação a sua própria identidade enquanto pessoa, vítima, bem como a ação da narrativa.

Figura 3 - Aumento de tensão psicológica em cenas do seriado *Bom dia, Verônica*



Fonte: Captura de tela da série produzida pela Netflix (2022)

Diante disso, Massi (2011) explica que “(...) quase todas as personagens manifestam seus sentimentos e emoções, fazendo com que o leitor se envolva sentimentalmente com a narrativa, ou seja, que ele sinta dó, compaixão, afeto, ódio, raiva das personagens” (MASSI, 2011, p. 69).

Todo o sofrimento vivido por Janete desperta a atenção do público, pois traz à tona a temática da violência doméstica. A personagem cativa um sentimento angustiante nas pessoas, pois além de sofrer abusos, ela tem dificuldade de reconhecer e sair de um ciclo violento. Nesse sentido, Janete passa de coadjuvante para co-protagonista, diante da profundidade de sua história, equivalente à importância da protagonista.

Em entrevista a um canal da plataforma Youtube⁹, a atriz Camila Morgado revela como se deu a construção da personagem para o seriado. Diante da complexidade do assunto, Camila conta que teve um tempo de preparação intensa, buscando entender as camadas da personagem, em relação ao papel da vítima. Porém, a atriz ressalta que não desejou colocá-la nesse estigma, pois ao longo da série, Janete vai entendendo o processo de violência através de Verônica. Nesse sentido, Morgado explica que buscou trazer uma abordagem de libertação para a personagem, pois ela é a representação de várias mulheres que sofrem violência. Por fim, Camila destaca que é preciso ampliar o discurso diante da urgência do tema. Pela sua excelente atuação na série, Morgado garantiu o prêmio de melhor atriz coadjuvante no ano de 2020.¹⁰

De modo geral, *Bom dia, Verônica* retrata de modo fictício, embora seja a realidade de muitas vítimas, a persistência da violência contra a mulher, o relacionamento tóxico, o machismo, os problemas relacionados ao sistema policial e a justiça do país, além de apresentar um conteúdo de inovação, pois em entrevista ao *podcast* Modus Operandi (2020), os autores enfatizam que a obra é um suspense policial nacional bem produzido e que antes só era visto nos cinemas de hollywood.

O intuito de Casoy e Montes é de provocar discussões, reflexões, sobretudo humanizar e alcançar seus leitores/telespectadores, para que se obtenha um outro olhar para questões urgentes como a violência doméstica e a justiça na nossa sociedade.

⁹ Camila Morgado fala mais um pouco da Janete em “Bom dia, Verônica”. 2020. 1 vídeo (2’56 min). Publicado pelo canal Tati Sousa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j8R_iNq-hTc&t=110s Acesso em: 08 de outubro de 2022

¹⁰ REDAÇÃO CONTIGO. **PRÊMIO CONTIGO! 2020: Melhor atriz coadjuvante, Camila Morgado agradece: "Importante e urgente"**. Contigo! Disponível em: <https://contigo.uol.com.br/noticias/exclusivas/premio-contigo-2020-melhor-atriz-coadjuvante-camila-morgado-agradece-importante-e-urgente.phtml> Acesso em: 08 de Outubro de 2022.

3 VIOLÊNCIA DE GÊNERO

A violência é um fenômeno no qual é complexo conceituá-lo, pois se trata de uma contravenção aos direitos dos seres humanos. Essa transgressão abrange diversas concepções, subjetividades e diferentes pontos de vista para a sociedade. Na direção dessas ideias, Chauí, 2012 *apud* SANTIAGO e BORGES, 2022, p. 47) contextualiza que a violência é “(...) toda prática e toda a ideia que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural.”

O termo violência contra a mulher adequa-se na perspectiva acima, pois representa uma amplitude de significados, abrange um conjunto variado de atos graves, e se manifesta de diferentes maneiras. O resultado é sempre impactante na qualidade de vida das padecentes. O machismo arraigado é resultado de uma desigualdade de gênero estrutural de massa. A nossa história é marcada pela subjugação feminina em diversos aspectos.

Para compreendermos a raiz da violência, precisamos partir do conceito de gênero. Ele pode ser definido como um conjunto de particularidades construídas pelos contextos sociais, culturais e históricos, nas quais são exercidas por homens e mulheres. Essa definição de papéis implica padrões comportamentais que ocasionam estereótipos, em que os gêneros são classificados e separados através de diferenças biológicas. Podemos entender essa separação através de Saffioti (2015):

As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem. Isto constitui a raiz de muitos fenômenos [...] (SAFFIOTI, 2015, p. 37)

Nesse contexto, é importante destacar que há uma confusão histórica sobre os termos, pois gênero não é o mesmo que sexo. Enquanto o primeiro trata de influências culturais do ponto de vista subjetivo, sexo se refere a uma determinação que diferencia biologicamente questões sobre o masculino e o feminino. Diante dessa confusão que o discurso classifica o homem como sinônimo de bravura e força, e a mulher com sensibilidade e delicadeza.

Diante desses estereótipos, o machismo, preconceito e discriminação dão sustentação para a violência contra a mulher, que é uma forma de violência de gênero. Ela resulta da não

aceitação da autonomia feminina. Além disso, para Teles e Melo (2002, *apud* Santiago e Borges, 2022, p. 46), a violência de gênero pode ser entendida como “uma forma de restringir a liberdade de uma pessoa ou de um grupo de pessoas reprimindo e ofendendo física ou moralmente.” Essa tentativa de invisibilizar a ascensão das mulheres enquanto sujeitos sociais, tornam ainda mais grave a condição feminina na sociedade. De acordo com Lima (2009, *apud* TAWIL, 2018),

O símbolo mais brutal da desigualdade é a violência de gênero. Deste modo, se determinado grupo ou indivíduos sofrem com desacertos sociais, é porque há uma carência de tutela que necessita ser diferenciada para esses determinados grupos, tendo em vista a vulnerabilidade das mulheres, em especial na esfera privada de suas vidas. (LIMA, 2009, *apud* TAWIL, 2018, p. 14)

Além disso, as mudanças nos papéis mudaram ao longo dos anos. Atualmente, a realidade de muitas mulheres é diferente. Muitas chefiam famílias, outras estão atuando no mercado de trabalho, e em alguns casos pode vir a ter poder aquisitivo a mais que os homens.

Isso dificulta o discurso patriarcal, que de acordo com Costa (2008) é uma organização hierárquica de dominação masculina, nas esferas públicas e privadas, construída à luz de modelos viris. Ou seja, o homem é o provedor do lar, chefe de família e pagador das contas. E mulheres são criadas para servir, cuidar da casa, marido e filhos. Essa conduta padronizada se volta para os valores morais, em que o lugar da mulher é da submissão, além de ser subjugada, obediente, tendo que assegurar, do ponto de vista social, o papel ou imagem da perfeição.

Diante dessa reconfiguração dos papéis, muitos homens se sentem inferiores às mulheres. Dessa maneira, a responsabilidade foi invertida, os papéis assegurados historicamente foram moldados. Nesse sentido, para suprir a insatisfação, os homens utilizam esses discursos como fator desencadeante para argumentar possíveis violências, no intuito de “colocarem as coisas em ordem”.

Essa desconformidade revela uma hegemonia masculina, na qual o homem possui poder e controle sobre o corpo e as decisões da mulher. Essa ação é estimulada, incentivada e dominada pela cultura e sociedade desde a infância. Meninos e meninas têm diferentes ensinamentos. A menina, resguardada em casa, é frágil; o menino, brinca na rua, é forte e autônomo. Diante desses aspectos que Neal (2018) explica que os homens geralmente são

(...) fisicamente maiores e mais fortes que as mulheres. Isso automaticamente estabelece uma diferenciação de poder, e as mulheres muitas vezes se sentem intimidadas em algum nível, mesmo que de maneira inconsciente. Sociologicamente

falando, as mulheres têm sido dominadas pelos homens ao longo da história, muitas vezes alvo de atos violentos que as forcem a se submeter. (NEAL, 2018, p. 20)

Nesse contexto, pensamentos machistas são enraizados e fundamentam a violência, geram altos índices de agressões, estupros e feminicídios. Dessa forma, a violência de gênero é consolidada pela aceitação da inferioridade da mulher como ciclo natural. Para Simone de Beauvoir (1970)

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem responsabilidade. (BEAUVOIR, 1970, p. 9)

Essa determinação limitada conforme apontado pela autora, revela padrões que segregam mulheres e homens em posições não igualitárias. Nesse contexto, ocorre a violência contra a mulher. Siqueira e Rocha (2019) apontam outros fatores pelos quais podem contribuir para a violência de gênero. A bebida alcoólica, ciúmes em demasia, falta de políticas públicas, conservadorismo, histórico de violência na vida do agressor, falta de apoio da família, além da própria desigualdade econômica e social entre os gêneros. Nesse sentido, Santiago e Borges (2022) explicam que

(...) a manutenção de privilégios está ancorada no pensamento de quais condições se dão de forma natural, que não podem ser questionadas nem modificadas. Perder o lugar de conforto em subjugar o outro causa a agressividade e silenciamento aos que ousam quebrar essa lógica de que as diferenças são imutáveis, e nelas a agressão se justifica. (SANTIAGO e BORGES, 2022, p. 25)

Diante disso, discursos ligados às condutas morais, sociais e religiosas se apoiam em questões patriarcais. Assim, a violência contra a mulher ocorre quando as vítimas são agredidas apenas pela representação social de ser mulher. Na maioria das vezes, esse ato perigoso pode ocorrer na própria residência das vítimas, entre membros da mesma família, ou de pessoas próximas, tais como o marido, pai, tio, namorado, vizinhos. Inclusive, ela pode ocorrer no ambiente de trabalho, na escola, na rua e em outros ambientes.

A partir do momento que há um confronto ou uma não obediência da mulher para algum comportamento, o homem busca argumentar seus atos baseados em discursos machistas, tais como o comprimento de uma determinada roupa, a uma negativa ou a falta de

consentimento para ter relações sexuais, por exemplo. Com isso, os agressores entendem que podem ofender, punir e humilhar essas vítimas.

Segundo Neal (2018), somente após o movimento feminista que estes tratamentos equivocados e violentos foram vistos como tal, e assim ganharam força e visibilidade para o combate a estes maus-tratos. A violência é um problema latente que não foi resolvido de uma hora para outra. Foi preciso muita luta e resistência para haver mudanças, sobretudo em leis. Mas é importante ressaltar que apenas um fator não é suficiente para solucionar essas problemáticas.

Dentre alguns direitos conquistados como o voto, estudar, trabalhar e praticar esportes, por exemplo, conquistamos a visibilidade diante das leis. A partir disso, começamos a construir um percurso mais justo na nossa sociedade, na tentativa de assegurar direitos fundamentais às mulheres enquanto protagonistas das suas próprias histórias. Na tentativa de trazer para as vítimas de violência segurança, respeito e dignidade para a mulher, que a Lei 11.340/2006 foi criada.

De acordo com o artigo 5º da Lei Maria da Penha (2006), a violência pode ser definida como doméstica e familiar aquela que é cometida contra a mulher baseada em “qualquer ação, ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.” Diante disso, é possível notar que a violência representa uma problemática social, pois a conduta de um agressor desrespeita a dignidade da figura feminina em diversos aspectos.

Nesse contexto, a violência doméstica está condicionada em formas, dentre as quais estão a violência física, a mais conhecida aos olhos da sociedade. Esse ato traz prejuízos à saúde do corpo da mulher, tirando-lhe o direito de viver de modo pacífico.

A violência sexual consiste em ameaça, uso de força física e/ou intimidação para que a mulher se sinta obrigada ou coagida a participar e manter relações sexuais contra a sua vontade. Além disso, o agressor pode impedir a mulher de usar métodos contraceptivos, forçá-la a ter ou interromper uma gravidez, através do mecanismo da manipulação e chantagem emocional, não permitindo à mulher ter suas escolhas diante de seu próprio corpo.

A violência patrimonial ocorre quando as mulheres são impedidas de tomarem suas próprias decisões diante de seus bens materiais, dinheiro e documentos. O agressor se apropria

do patrimônio da vítima, retém, controla ou furta seus objetos na tentativa de privar a mulher de ter direito de escolha. As consequências dessa conduta também são danosas, pois a violência patrimonial também é um problema invisível.

A violência moral, que tem por intuito ofender a vítima de forma caluniosa, difamatória, além da conduta também pode ser entendida como injúria. Além de todas as formas de violência citadas, encontramos a violência psicológica, a qual será abordada com profundidade no tópico posterior, pois é o eixo norteador deste trabalho.

Para combater esses atos e visando o índice de aumento da violência, outras medidas foram tomadas, como a Lei nº 14.164/21, de 10 de junho do mesmo ano, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e inclui conteúdos preventivos sobre a violência contra a mulher, nos currículos. Além disso, a lei assegura que todos os anos do mês de março, deve ser comemorada a semana de combate à violência contra a mulher. Portanto, diante da data da presente lei, vimos que o caminho para mudar a realidade das vítimas de violência é longo e continua sendo árduo.

Uma das maneiras de se enfrentar o problema, é com o auxílio da comunidade escolar, pois ela pode mobilizar ações que possam contribuir positivamente na desconstrução de estereótipos sociais, e a educação faz parte desse processo. De acordo com Filomena (2020),

é necessário que comecemos falando em Educação para a igualdade de gênero, pois é o primeiro passo para a prevenção da violência contra as mulheres, visto que a partir da perspectiva machista de que o homem é dono da mulher, gera-se a violência, pois a mulher é coisificada e não sujeito de direito. A Educação possibilita a quebra dessa coisificação da mulher e o entendimento de direitos iguais, de respeito a quem ela é, aos sonhos e objetivos a que ela tem direito, respeito ao seu corpo e a suas escolhas. (FILOMENA, 2020)

Além de formar cidadãos para o futuro, a escola é um ambiente que forma o aluno para ser sujeito da própria história, tendo senso crítico e consciência para refletir sobre questões como essa, em nossa sociedade.

Para falarmos em violência contra a mulher, precisamos falar de gênero, da ruptura de subjugação da figura feminina, educar os meninos sobre os discursos preconceituosos existentes, e promover ações que envolvam a integridade e o empoderamento de toda comunidade escolar. É fundamental que todos tenham conhecimento sobre o assunto, e que todos são dignos de respeito, sem divergências.

Mesmo diante dos avanços, Lacerda (2020) aponta que existem outros problemas que não cessam a violência. A autora reflete sobre a falta de priorização do combate à violência doméstica contra a mulher pelas entidades, governos e grupos diversos, em um lugar que se transforma de modo acelerado em outras áreas.

Portanto, “(...) leis sozinhas não bastam. Nessa luta, o papel do docente é fundamental. O professor deve possuir informações, formação, discernimento e sensibilidade sobre a situação da realidade racial e social do país, para contribuição do preconceito e da discriminação” (BRASIL, MEC, 1997, p. 4). Isso posto, o papel pedagógico da escola é necessário para que os alunos se tornem autônomos na prevenção da violência e compreendam que os direitos são igualitários.

3.1 Violência Psicológica “Fora da caixa”

Dentre as formas de violência existentes, encontramos a psicológica. Ela é uma forma de *slow violence*, uma violência cumulativa que gera, de forma silenciosa e invisível, uma progressiva redução da esfera de autodeterminação da mulher, com abalos emocionais significativos. São exemplos de danos psicológicos as crises de choro, angústia, flashbacks (rememoração constante), pesadelos, insônia, irritabilidade, distúrbios alimentares, hipervigilância (v.g., medo de andar em locais públicos), dores crônicas, medo de iniciar novos relacionamentos afetivos, incapacidade laborativa (absenteísmo, desemprego), indução ao alcoolismo e outros (SILVA; COELHO, CAPONI, 2007, OMS, 2012; RIBEMBOIM, 2012; CAMPOS; ZANELLO, 2016; SAAD, TEIXEIRA, 2017, PINHEIRO, 2019, online).

Na direção dessas ideias, a violência psicológica se caracteriza por ações disfarçadas, complexas e impositivas que provocam e desgastam sofrimentos na vítima ao longo do tempo, logo, não há como estabelecer um único padrão de conduta, pois esse tipo de abuso não se configura em algo isolado. Portanto, não podemos caracterizá-la em análise nos mesmos moldes da violência física.

Dentre as várias camadas de violência doméstica e de gênero que são existentes, entendemos que a violência psicológica é um crime perigoso e cruel para as vítimas dessa ação, pois ao mesmo tempo que ela é a mais invisível é também a que menos denúncias recebe.

A violência psicológica é um dos tipos de abuso que mais fazem vítimas no Brasil, superando até os casos de violência física. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, durante a pandemia da covid-19, 13 milhões de brasileiras (18,6%) sofreram com essa

agravante. Ainda se deve levar em consideração que esses números podem ser maiores, pois Segundo Dias (2010, p. 48): “A vítima muitas vezes nem se dá conta que agressões verbais, silêncios prolongados, tensões, manipulações de atos e desejos, são violência e devem ser denunciados.”

De acordo com o artigo 7º da Lei Maria da Penha, existem tipificações da violência doméstica, dentre as quais se encontra a psicológica, que será o norte de nossa pesquisa. Este ato é compreendido como:

Qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, 2006, p. 1).

Assim sendo, na maioria das vezes, este crime ocorre dentro de casa, e tem como agressor seu próprio esposo/companheiro. Muitas mulheres não sabem ou não entendem que estão vivendo uma dinâmica abusiva. Por ela ser uma ação silenciosa, e por vezes não compreendida que Forward e Torres, (1989) vem nos dizer que

A violência física é facilmente reconhecida, enquadrada, punida e repudiada pela sociedade em geral. As ocorrências de violência psicológica e moral ainda que causem danos graves à saúde das mulheres, são mais toleradas e mais passíveis de aceitação. São diversas as circunstâncias que ensejam o “silenciamento” de tais atos, fazendo com que a lei não seja aplicada ou que a mulher nem mesmo chegue a procurar uma ajuda. (FORWARD; TORRES, 1989, p. 54)

Na direção dessas ideias, este tratamento inadequado pode ser definido como abuso. Ele pode ser considerado um tipo de violência psicológica. Segundo Neal (2018) este padrão de comportamento pode ser identificado como maus-tratos e tipificado de várias formas. O abuso pode ser “verbal, emocional, psicológico, sexual e físico.” (NEAL, 2018, p. 17). Cabe ressaltar que o abuso psicológico pode ocorrer em qualquer tipo de relacionamento, pois ainda de acordo com a autora,

O abuso é prevalente em todas as raças, etnias, faixas etárias, religiões, origens socioeconômicas e familiares. Não é um problema simples, e, muitas vezes, os relacionamentos que não parecem certos são confusos. O abuso pode aparecer de várias formas e existir entre pais e filhos, irmãos e entre amigos. (NEAL, 2018, p. 17)

De maneira geral, o comportamento de um abusador tem algumas características a se identificar. O indivíduo que pratica violência psicológica tem a intenção de manipular suas vítimas, numa espécie de jogo no qual há apenas um vencedor: O agressor.

Nesse contexto, há uma relação hierárquica imposta, no qual o praticante da violência sempre terá poder e controle, e a vítima está em uma posição inferior, vista como um objeto subjugado. Possivelmente, quem age dessa forma pode ter transtornos de personalidade, como o narcisismo, por exemplo.

Para Mendonça (2019, apud LACERDA, 2020, p. 27), o indivíduo que pratica esse tipo de violência “tem plena consciência do mal que provoca na vida dos outros. Ele simplesmente não se importa com os danos que para ele são apenas lixo ou resíduos produzidos em busca frenética por satisfação pessoal, seu combustível narcísico.” Para o autor, pessoas com narcisismo são frias e calculistas, sem empatia pelo próximo.

Para Neal (2018) quem pratica violência psicológica tem a finalidade de intimidar a vítima, principalmente para humilhá-la e culpá-la por coisas sem fundamento, e essa atitude reprovável não pode ser aceita e naturalizada como um relacionamento saudável. O abuso psicológico pode trazer problemas tão profundos quanto qualquer abuso físico, ou até maiores que o último. Gomes (2012) explica as fragilidades pelas quais uma vítima de abuso pode adquirir.

Em relação ao sofrimento psicológico, os sintomas frequentemente encontrados são: insônia, pesadelos, falta de concentração, irritabilidade, falta de apetite, e até o aparecimento de transtornos mais sérios como a depressão. Pesquisas revelam que a violência doméstica cotidiana é um importante fator de risco para a depressão, inclusive em mulheres que sofrem agressão durante a gravidez. Lembrando sempre que, não importa a forma de violência sofrida pela mulher, todas elas trazem grandes consequências, às vezes de ampla proporção, comprometendo sempre sua saúde. (GOMES, et, al, 2012, p. 520)

Por esta razão, é importante conhecer e identificar quando se está em um relacionamento abusivo. Mas essas questões são profundas e enraizadas, pois de acordo com Dias (2010) as relações de desigualdade entre os sexos masculino e feminino, dão sustentação para a existência da violência psicológica. Importante ressaltar que a diferenciação imposta está centrada sobre os papéis de gênero na sociedade.

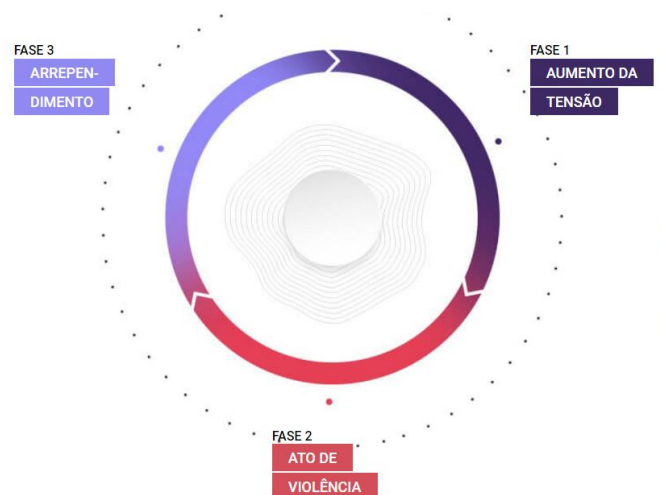
A ação de intimidar a vítima por parte do agressor faz parte de um ciclo vicioso em muitos relacionamentos afetivos, sobretudo entre casais. Esse ciclo foi alvo de pesquisas e

estudado inicialmente pela psicóloga norte-americana Lenore E. Walker.¹¹ Ela foi a primeira a identificar, através de pesquisas, que existe um padrão de comportamento repetitivo por parte dos agressores em relação às vítimas de violência doméstica. A psicóloga realizou uma entrevista com mais de 1500 vítimas, em 1970, para entender a postura que os agressores têm ao cometer essa forma de violência.

Primeiramente, a pesquisadora notou que a postura dos agressores se inicia através de ofensas, humilhações e tentativa de controle da vítima. Isso posto, podemos inferir que o primeiro modo de violência praticada é a psicológica, como forma de causar abalos na autoestima da mulher.

Segundo o Instituto Maria da Penha (2018), a vítima sente inúmeras sensações, como medo, angústia e ansiedade, por tentar acalmar e/ou evitar que o agressor se sinta provocado. Na Figura 4, veremos de que lugar inicia o ciclo de violência, o qual é delimitado por fases. As humilhações e ofensas estão na fase intitulada de “aumento da tensão”, conforme veremos a seguir:

Figura 4 - Ciclo da Violência



Fonte: Instituto Maria da Penha (2018)

De acordo com os pensamentos de Miller (1999), é em estado constante de alerta que vive uma mulher abusada emocionalmente pelo seu cônjuge, pois a vítima não consegue ter clareza sobre as emoções e reações do agressor, e dessa maneira, o medo a faz agir com cautela.

¹¹ POLATO, Amanda. **Entenda o ciclo do relacionamento abusivo**. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/06/entenda-o-ciclo-do-relacionamento-abusivo.ghtml> Acesso em: 22 de agosto de 2022

Ainda de acordo com a autora, os agressores costumam usar algumas estratégias para controlar a sua parceira, como trancar a mulher em casa, e furar os pneus de seu carro, por exemplo. Esse tipo de conduta pode ser chamado de cativo.

Esse estágio cauteloso conforme aponta Miller (1999) leva a um nível de estresse demasiado, pois de acordo com Mendonça (2019, *apud* Lacerda, 2020, p. 100) isso “mantém os hormônios de estresse constantemente elevados na corrente sanguínea da vítima, o que bombardeia todos os seus sistemas, desgasta as suas defesas, abrindo campo para o aparecimento de vários desajustes orgânicos.” Nesse sentido, a vítima se sente fragilizada e sem energia mental, levando a mulher à exaustão de sua saúde.

O isolamento também é um meio utilizado para que a vítima não tenha nenhum tipo de contato com as pessoas, e pode se enquadrar na fase 1. Impedir a mulher de trabalhar, de estar com sua família e amigos são formas de deixarem as vítimas totalmente dependentes do seu algoz, como uma espécie de prisão. Podemos imaginar a sensação de angústia das vítimas de violência, através do que relata Lacerda (2020), a partir de sua própria experiência, pois a autora nos diz que

A violência psicológica deixa a mulher confusa, fraca, perdida, sem saber o que pensar, sem entender de onde vêm todas as emoções envolvidas na relação, especialmente a culpa. As acusações sistemáticas de que a culpa é da vítima, aliadas ao enfraquecimento psicológico, levam-na a acreditar que é realmente culpada pelos abusos e, às vezes, a acreditar que merece as ditas “reações do parceiro” (LACERDA, 2020, p. 22)

Miller (1999) aponta em seu estudo uma estratégia utilizada pelos agressores, que se chama propaganda. Ela tem como intuito ofender a mulher através de palavras, de maneira humilhante e ofensiva. Nesse sentido, a vítima entra em um estado de negação, tende a ocultar o que acontece para outras pessoas, além de ter a sensação de que fez algo errado, tentando de alguma forma justificar o comportamento inadequado do agressor. Esse momento de tensão pode se tornar algo mais frequente e mais grave, e é o que ocorre na fase 2.

Na fase 2, ocorre um estágio de violência maior, quando o algoz perde o controle, e agride sua parceira de forma física, moral, psicológica, patrimonial e sexual. Ainda de acordo com o Instituto Maria da Penha (2018), a vítima fica em estado de choque, o que a impossibilita de ter quaisquer reações. Diante dessas ações materializadas por parte do agressor, a mulher sofre tensões psicológicas ainda mais fortes e paralisantes que a fase 1.

Além de sentir medo, vergonha e ansiedade, a saúde física da vítima é afetada. Perda de peso, insônia, fadiga e outros sintomas são frequentes em mulheres que sofrem violência. Nesse momento de fragilidade e dor emocional que a mulher busca ajuda de familiares ou da polícia, tende a pedir o divórcio ou até mesmo a tirar a sua própria vida.

Na fase 3, ocorre a tentativa de reconciliação, chamada de lua de mel, na qual o agressor pede desculpas, e promete mudanças de conduta. É também nesse momento que as vítimas se sentem ainda mais confusas e culpadas, pois a mulher não consegue entender o comportamento do seu companheiro, ao mesmo tempo em que tem pensamentos ilusórios ao acreditar que haverá mudanças no seu relacionamento, sobretudo quando se tem filhos com o agressor.

A relação de dependência afetiva se torna ainda maior, mas o período de calma é relativamente curto, pois as promessas do agressor não são verdadeiras, resultando em tensões de comportamento ainda mais intensas. Há uma escala progressiva da violência, o que torna os intervalos entre as fases do ciclo abusivo menores, e isso pode chegar a um possível feminicídio.

Para Lacerda (2020, p. 21) é importante observar os sinais que possíveis vítimas de abuso podem transparecer. Alguns deles são: “analisar o estado de humor da vítima, mudanças de comportamento, danos emocionais, diminuição da autoestima. É tudo muito específico e subjetivo.”

Diante dessa subjetividade é necessário compreender que o abuso psicológico envolve questões culturais e estruturais de uma sociedade de maneira ampla, e dessa forma, essa prática violenta não se encaixa em uma determinada regra. Essa estrutura enraizada permite a violência, e por isso não pode ser visto ou entendido como uma prática restrita, que envolve apenas vítima e agressor.

Nesse viés que a autora nos explica que “é difícil reconhecer ações abusivas porque, em países sexistas como o Brasil, muitas delas são culturalmente normalizadas, ou seja, são aceitas como naturais na relação conjugal, principalmente se a agressão for psicológica e não houver agressão física. (LACERDA, 2020, p. 22).

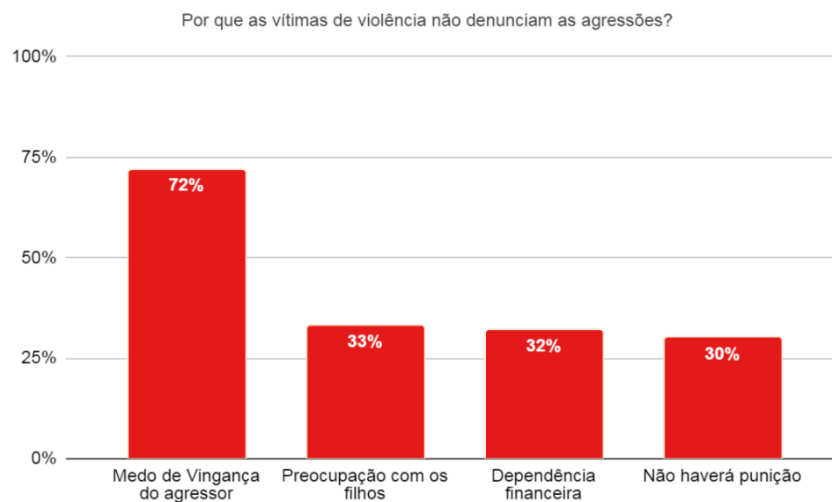
Diante desse ciclo abusivo, a pergunta que não quer calar é a seguinte: por que motivo as mulheres não saem desse relacionamento? Existem muitos fatores que dificultam essa saída. A violência aumenta muitas vezes porque as vítimas não identificam os sinais de comportamento do agressor, pois são muito sutis, o que leva a ser entendido como algo

“normal”. Além disso, outros fatores ainda mais graves, fazem com que essas vítimas se caleem diante das violências sofridas. Lacerda (2020) aponta alguns fatores que dificultam essa identificação.

(...) é necessária uma análise de um conjunto de ações, porque as marcas são invisíveis, porque há a subjetividade do dano emocional, porque o abuso pode ser velado e sutil, porque há a naturalização da violência contra a mulher, porque a vítima pode acreditar que é culpada pela desarmonia da relação, porque fica em estado de confusão e debilidade e porque a paixão do início é faz desprezar características ruins da relação. (LACERDA, 2020, p. 22)

Em entrevista a um programa do canal GNT¹², a advogada e doutora em direito penal, Alice Bianchini (OAB-SP) nos informa que pouco se pergunta sobre a violência que a mulher vem sentindo. Nesse sentido, a advogada explica que foi realizada uma pesquisa pelo senado, em 2007. O questionamento principal seria entender o porquê de a mulher não denunciar e sair desse ciclo de abuso. Na Figura 5, conheceremos as respostas das entrevistadas. Alice Bianchini ressalta que as mulheres poderiam responder mais de uma alternativa.

Figura 5 - Por que as vítimas de violência não denunciam as agressões?



Fonte: Alice Bianchini (DataSenado- 2007). Figura elaborada pela autora (2022)

¹² Violência contra as mulheres: O que é feminicídio? | Papo rápido | Papo de Segunda. 2020. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal GNT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-CabjmNUk18> Acesso em: 08 de Agosto de 2022.

Após esse momento, Bianchini revela que para 72% das vítimas, o medo de vingança do agressor é o principal ponto que fazem mulheres continuarem o relacionamento afetivo com seus cônjuges; em segundo lugar com 33% está a preocupação com os filhos, 32% a dependência financeira, e 30% porque consideram que não haverá punição.

Em 2021, os números da violência se expandem e continuam alarmantes, assim como há 15 anos atrás, pois na pesquisa de opinião da DataSenado¹³, o índice aumentou para 75% em relação ao medo ainda ser a principal causa pela qual não há um número significativo de denúncias. Diante disso, podemos entender a gravidade e a urgência de discussão sobre o assunto.

Além do que foi abordado por Lacerda (2020) e a advogada Alice Bianchini, a ligação traumática entre agressor e vítima também pode ser um aspecto que dificulte a saída de um relacionamento tóxico. A dependência emocional que a parceira tem causa a destruição de pensamentos sólidos e coerentes em relação ao abusador. De acordo com Neal (2018)

A teoria do vínculo traumático explica como se forma um forte apego emocional entre abusador e vítima. Resulta de um tratamento abusivo durante um longo intervalo de tempo, com períodos intermitentes de gentileza e compaixão. A vítima é tomada pela gratidão e reconhecimento pela misericórdia de seu abusador, e esses sentimentos positivos a aproximam mais dele. Ela pode interpretar a falta de abuso como prova de que ele é amoroso, gentil e compassivo. Esse ciclo dificulta para a vítima afastar-se do abusador. O abuso fica associado ao amor, formando uma rede de emoções emaranhadas. (NEAL, 2018, p. 134)

Nesse sentido, o processo traumático, bem como dos números revelados acima, destaca que este tema é um problema estruturado na sociedade, e devido a desigualdade entre homens e mulheres que há uma crescente nos índices de violência. Muitas pessoas não entendem os motivos pelos quais as vítimas continuam com seus agressores, com isso, tendem a culpá-las. Às vezes, muitos afirmam que as mulheres gostam desse tipo de situação.

Com isso, podemos perceber que as mulheres são as que mais sofrem e sentem discriminação e a culpabilização, ou seja, mesmo sendo vítimas, aos olhos da sociedade elas podem ser vistas, em determinadas circunstâncias, como provocadoras desse tipo de situação, pois de acordo com Rocha (2007, p. 91-92)

¹³ DataSenado é um instituto que realiza pesquisas, análises e enquetes a opinião dos brasileiros sobre temas que tramitam no congresso nacional. A violência contra a mulher é uma dessas temáticas.

Em virtude da denominada “sacralidade familiar”, é construído um “muro de silêncio” em torno dos fatos ocorridos no seio da família. [...] As mulheres se tornam “culpadas” e seus agressores, homens íntegros, que apenas desejavam defender a honra e o bom nome da família. Assim também acontece com mulheres estupradas, sobre as quais pesa sempre a suspeita de que foram sedutoras e, portanto, responsáveis pela violência sexual masculina. (ROCHA, 2007, p. 91-92)

Muitas das vezes, o abusador demonstra duas personalidades: ao público, demonstra ser uma boa pessoa, incapaz de ser violento. No espaço doméstico e privado, impõe seu jogo de poder, ameaças e mentiras. Por isso, a palavra da mulher pode ser questionada pela sua família, dessa forma, a vítima se isola. Crenças populares, em que se acredita que terceiros não devem dar opiniões em brigas de casais, reforçam o silêncio e a culpabilização da mulher.

Nesse sentido, em relação a um relacionamento abusivo, é compreensível entender porque muitas mulheres não abandonam os seus algozes ou não falam sobre o assunto. Devido à falta de discussão sobre a questão de gênero que muitas mulheres são rejeitadas pela família e pelo estado ao procurarem ajuda, outras ainda não identificaram que sofrem violência, e algumas se conformam, pois acham que essa manifestação cíclica é normal, ou seja, o conhecimento sobre o assunto é escasso na sociedade. Segundo Souza e Cassab (2010)

Muitas pessoas nem sequer conhecem as expressões da violência psicológica. Tal condição é resultado da ideologia romântica que possuem sobre família, ou seja, a família deve viver em harmonia e, os que não se enquadram a esse padrão são considerados “desestruturados”. Na efetivação da harmonia familiar, muitas vezes, há um processo de naturalização da ofensa verbal, ou seja, para muitos homens “é normal” ofender verbalmente a mulher, tratando-a como propriedade, concebendo, através de uma perspectiva confessional, que foi para isso que ele foi criado, para ser o mantenedor da família e, conseqüentemente, o “dono” da mesma. Felizmente essa concepção, posta na relação afetiva entre homem e mulher está se alterando, apesar do lento ritmo em que isto procede, mas, a perspectiva de mudança, por si mesma, já é um avanço considerável. (SOUZA e CASSAB, 2010, p. 41)

De acordo com Bianchini, conversar com os homens seria uma forma de prevenção para essa diminuição da violência, pois nunca foi perguntado o porquê de eles continuarem no ciclo agressivo até matarem a sua companheira. Precisamos partir para o conhecimento. A violência contra a mulher é um problema da sociedade, devemos saber qual o papel da mulher e do homem, além da educação para entender que somos diferentes no aspecto biológico, mas todos nós somos cidadãos com direitos e deveres iguais.

Diante da gravidade deste tipo de violência, mudanças foram realizadas nas leis brasileiras, com o intuito de dar maior suporte a essas vítimas. Quinze anos após a conquista da Lei Maria da Penha (2006), foi sancionada, em 28 de julho de 2021, a lei nº 14.188/21, que traz

em seu texto o tema da violência psicológica. O artigo 147-B nos diz que a pode ser definida como violência psicológica o que

causar dano emocional à mulher que a prejudique e perturbe seu pleno desenvolvimento ou que vise a degradar ou a controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem, ridicularização, limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à sua saúde psicológica e autodeterminação. (Incluído pela Lei nº 14.188, de 2021)

Em uma live transmitida pelo Youtube¹⁴, o promotor de justiça do estado de SP, Rogério Cunha, destaca que o inciso 2, o qual trata da violência psicológica na lei Maria da Penha, não necessariamente configura contravenção ou crime em sua redação. Nesse sentido, o artigo 147 – B da Lei 14.188/21 foi criado, explicitando a pena, traz amplitude ao tema, e além disso ressalta que esse tipo de crime pode ser cometido fora do âmbito doméstico, familiar e afetivo no qual trata a Lei 11.340/2006.

Quanto aos sujeitos do crime de violência psicológica, qualquer pessoa, segundo Cunha, inclusive mulheres, podem ser réus nesse caso. Porém, a vítima é única e exclusivamente do sexo feminino. Aqui, inclui-se pessoas que se identificam com o gênero, como mulheres trans, por exemplo.

Ainda sob o ponto de vista jurídico, o crime é doloso, no qual há intenção de causar um resultado. Porém, é importante ressaltar, segundo o promotor, que pode não haver dolo em relação às consequências geradas na vítima, após resultado praticado pelo agressor. Dessa forma, entende-se que o crime também pode ser culposos, quando não há intenção de provocar, mas assume-se o risco de gerar sofrimento, dor e angústia significativos à mulher automaticamente, nesse caso.

O artigo 147 – B não exige reiteração, ou seja, basta apenas um ato que cause danos ao estado emocional da vítima que se configura crime. Em uma relação abusiva, o agressor pode cometer inúmeros atos em momentos alternados que prejudicam o bem estar da mulher. Nesse caso, para a formulação da denúncia, um conjunto de agressões cometidas dentro de um só contexto como o acima exemplificado, corresponderá como um ato de conduta única.

A lei apresenta vantagens em relação a provas, pois essa é uma das perguntas mais frequentes por parte de quem sofre esse tipo de violência. Como não se trata de um crime

¹⁴ Palestra: Violência psicológica e a Lei 14.188/21| Rogério Sanches. 2021. 1 vídeo (1'04 min). Publicado pelo canal ejurr. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hY1rzMv46k0> Acesso em: 20 de Julho de 2022.

palpável, se torna difícil comprová-lo. Nesse sentido, o depoimento da ofendida e de testemunhas, relatórios de atendimento médico, psicológico ou outros elementos que comprovem a gravidade do crime são modos eficazes de provar esse ato criminoso.

Na opinião de Ramos (2019) o laudo médico é um meio pelo qual as vítimas da violência podem comprovar danos emocionais. Para a autora,

O laudo pericial psicológico é instrumento formal elaborado por profissional psicólogo a fim de inserir em processo judicial, como meio de prova. Portanto, para ter validade, ele deve conjugar os preceitos éticos da Psicologia e suas normas técnicas de exame psicológico à legislação processual. Donde ressaí, mais uma vez, a relevância do diálogo entre o Direito e a Psicologia. (RAMOS, 2019, p. 133).

Mas, diante da gravidade do problema, não há como acabar com a violência apenas através de leis. Hoje, temos a tecnologia ao nosso favor. Pode-se salvar áudios, vídeos, fotos, prints de conversas como tipo de prova. Nesse viés, Santos (2021, p. 15) explica que o uso de ferramentas tecnológicas é possível e pode auxiliar vítimas da violência. O autor diz que “(...) importa avaliar a extensão em que a tecnologia pode auxiliar no combate e, sobretudo, na prevenção das mais diversas formas de violência praticadas em face da mulher”

Portanto, diante do que foi exposto, é cabível prevenir possíveis vítimas de violências dessa magnitude. Para Lacerda (2020) reconhecer as emoções, gerando um cuidado a si mesma, mudará o foco dos pensamentos negativos, dando lugar ao autoconhecimento. Ressalta-se, também, a questão das crenças populares, em que se afirma que mulheres só serão completas ao lado de um homem, por exemplo. São assuntos que forçam as vítimas a rebaixarem sua autoestima em função de um relacionamento. A autora ainda afirma que não há uma receita que faça essas ações ocorrerem instantaneamente, mas é possível basear-se em sua própria experiência para direcionar mulheres que não sabem o que fazer diante dessa situação.

Na opinião da autora é fundamental conhecer os seus limites, traçar metas, trabalhar a autoconfiança, nutrir a mente de pensamentos positivos, não se culpar diante de um erro, ter um autocuidado físico e mental, ou seja, dormir bem, cuidar do corpo, buscar qualidade e sentido para a vida, dar valor as pequenas conquistas. Além disso, Lacerda (2020) ressalta que é importante selecionar bem quem pode entrar em sua vida, seja de modo real ou virtual, capacitar-se, estudar, fazer um curso, num intuito de buscar sua plena independência e o principal, compreender as diferenças entre amor, diálogo, proteção e cuidado de possessividade, ciúmes, egoísmo, controle, manipulação. Dessa maneira, por mais doloroso e difícil que seja o processo, valerá a pena todas essas ações.

4 OS SINAIS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NA PERSONAGEM JANETE

A personagem aqui analisada é uma representação fictícia da violência contra a mulher no âmbito doméstico e privado. Podemos observar que a esposa de Brandão vive completamente isolada, vigiada, controlada pelo marido e distante das pessoas as quais ela poderia contar sobre a sua vida e conseqüentemente pedir ajuda, como por exemplo, a amigos e/ou familiares. Diante dos comportamentos apresentados por Brandão, ele se equipara ao perfil de um abusador.

De acordo com Neal (2018, p. 17) “O abuso inclui qualquer comportamento ou atitude cuja intenção seja assustar, intimidar, aterrorizar, manipular, magoar, humilhar, culpar, injuriar ou ferir alguém.” Para a autora, as relações abusivas começam de maneira lenta e gradual.

(...) No começo do casamento, Brandão fazia de tudo para agradá-la, a cobria de mimos e gentilezas. Parecia determinado a conquistá-la e tinha bons artifícios. Pouco a pouco, ele foi se tornando o sol da vida dela. Era um homem exigente, ela sempre soube, mas se sentia apreciada, valorizada naquilo que fazia de melhor: cuidar do marido e da casa. (CASOY e MONTES, 2016, p. 26)

Nesse sentido, Brandão usa a tática apontada por Lacerda (2020), chamada de bombardeio de amor. É nesse estado de lua de mel que o abusador demonstra interesse pelos gostos da parceira, nutre atenção e companheirismo pela relação.

Esse conceito faz parte de uma exagerada demonstração de amor, no qual o abusador envolve a parceira profundamente, através da sedução. Porém a autora destaca que aqui começa o jogo de manipulação, que tem por intuito fazer a parceira ter plena confiança nas suas intenções, para colher informações íntimas das vítimas, além de manter o relacionamento como centro das atenções, ocupando todo o espaço na vida da mulher.

O objetivo dessa fase é desestabilizar a mulher, pois ao mesmo tempo que o agressor a exalta demasiadamente, também a diminui com comentários sutis. É nesse momento que a vítima se sente confusa, ao ponto de se questionar quem ela é. Podemos observar que o relacionamento de Brandão e Janete não se inicia com violência física. Ela sentia-se valorizada, ao mesmo tempo era humilhada pelo marido, a partir do instante em que se afirma que sua esposa não serve para cozinhar, por exemplo.

O jogo de tensão, segundo Lacerda (2020) começa através da implantação de um perigo iminente ou algo negativo para que a vítima ache que não precisa de ninguém, a não ser do

agressor. A partir disso, a mulher se afasta dos amigos e familiares, resultando em um isolamento, como ocorreu com Janete. De acordo com Miller (1999), o isolamento social faz parte de um controle para fazer a mulher completamente submissa e dependente do homem. Janete não falava com ninguém e não saía de casa, a não ser para fazer compras, ir à rodoviária e ao sítio que seu marido a obrigava. Não ouvia mais a voz das pessoas, apenas a de Verônica ao telefone. Vivia atormentada.

A partir do que foi apontado pela autora, entendemos o porquê de muitas vezes Janete demonstrar emoções passivas relacionadas aos atos violentos do marido. Ela estava aprisionada e confusa, pois como entender que o amor de sua vida, agora lhe agride e lhe maltrata? Porque Brandão não permitia que ela pudesse ter contato com sua família, e porque a obrigava a ajudar na captura de mulheres? Mesmo assim, ela esperava mudanças que nunca viriam, e assim mantinha a relação. Alguma coisa estava fora do normal. Fonseca, Ribeiro e Leal (2012) explicam esse sentimento.

Esta “confusão” perceptiva pode ser a explicação para o ciclo violento perdurar por anos. Uma vez que operam entre momentos alegres e tristes, estas mulheres se mantêm alimentando a violência por estarem sempre na espera dos momentos “gratificantes” do relacionamento, em contrapartida aos momentos de crise. (FONSECA, RIBEIRO, LEAL, 2012, p. 311)

Além do isolamento, é possível identificar outros sinais de violência e abuso psicológico na vida de Janete. Com isso, a dona de casa se convence de que realmente é culpada de todas as coisas ruins que acontecem em sua vida, acreditando, então, nas inverdades e na manipulação do seu marido. A partir disso, entendemos que esse sentimento faz parte de uma manifestação dela em torno da relação abusiva que vivencia. Essa é uma característica da violência psicológica.

Nesse contexto, o abusador também consegue abalar a autoestima da mulher, causando insegurança. Provocações, constrangimentos, projeções, explosões de raiva, mentiras são algumas armas utilizadas pelos abusadores.

A partir do momento que ela assume a responsabilidade por algo que não fez, ela se convence de que merece o castigo de Deus e do marido agressor. Nesse sentido, percebemos que Janete desconhece - antes de conhecer Verônica - que é vítima de uma violência psicológica de gênero. Além disso, esses sinais de abuso são conhecidos como Gaslighting.¹⁵ Esta prática

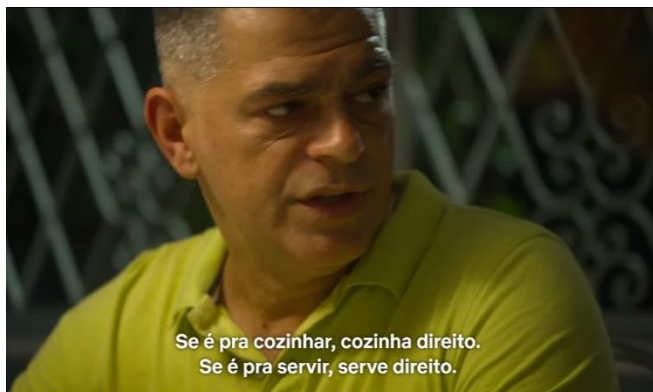
¹⁵ Segundo Neal (2018), o termo *gaslight* nasceu a partir de um filme intitulado pelo mesmo nome, em 1944. Na

faz com que a padecente questione a sua sanidade mental, memória e inteligência, na qual é comum situações em que a vítima acredite que está louca.

Segundo Malamud (2016, apud LACERDA, 2020, p. 59) O termo gaslighting pode ser compreendido como “uma forma de lavagem cerebral velada, na qual a violência ocorre através das falsas informações sequencialmente introduzidas no intuito de criar dúvidas na memória e na percepção, induzindo a vítima a acreditar que é insana.” Em conformidade com o conceito referido acima, Miller (1999, p. 41), ressalta que o gaslighting “é uma maneira sutil de corroer as bases da lógica sobre as quais uma pessoa aprendeu a tomar decisões e agir.”

Nesse sentido, o termo acima citado se dá através de manipulação para conseguir algo específico da vítima. No caso de Janete, o foco de seu marido está em controlar, pressionar e confundir os pensamentos da esposa para que ela compactue e aceite os atos e violências praticadas por ele sem reclamar/denunciar/fugir. Na figura 6, entendemos o porquê da vítima aceitar as violências e continuar no relacionamento.

Figura 6 - 1º fase da Violência: Jogo de tensão e Gaslighting



Fonte: Captura de tela da série produzida pela Netflix (2022)

ocasião, a produção retrata a história de um marido abusivo que fazia a esposa crer que estava enlouquecendo.

Diante das imagens, vimos que Janete minimiza os comportamentos do marido, ao mesmo tempo que se rebaixa como um ninguém. “(...) a manipulação profunda pode ser um dos comportamentos mais destrutivos, porque faz com que você se questione e perca a sua autoconfiança.” (NEAL, 2018, p. 54).

Em entrevista para o canal da Netflix Brasil no Youtube,¹⁶ Camila Morgado explica que a personagem tem alguns “lampejos de coragem”, quando resolve contar seus sofrimentos para Verônica. Ela percebe que está sofrendo violência doméstica, mas ainda não consegue conceituar a sua própria angústia. Porém, o sentimento de culpa que ela carrega é um “misto conflituoso da consciência de que algo está errado, mas percebem também que não possuem forças suficientes para atuar sobre ela” (FONSECA, RIBEIRO, LEAL, 2012, p. 311).

Brandão a humilha, deprecia a auto estima de Janete, faz ela duvidar das violências sofridas, provoca danos emocionais significativos, pois ela tem pensamentos suicidas, além disso, incute a sua parceira a sentir um misto de medo, culpa e vergonha. Em uma determinada cena do seriado, Brandão faz sua parceira crer que é cúmplice de seus crimes, então, caso ela o denuncie, também será presa.

Nessa relação de dependência emocional e insegurança que Brandão atua sobre sua esposa, a deixando frágil e com a auto estima baixa. Nesse cenário, Janete fica cada vez mais confusa, passando a crer mais nas percepções do marido a confiar em si mesma. Avery Neal (2018) destaca explicitamente as estratégias utilizadas pelo agressor para que a vítima se sinta acuada diante de seus sentimentos. Para a psicoterapeuta,

O abusador usa todo tipo de tática sutil para conseguir o que quer, desde o humor até a manipulação velada. Ele sabe como baixar sua guarda usando sedução, carisma, lógica, ou conquistando simpatia, enquanto habilmente vai ganhando vantagem. Essas táticas fazem com que você se sinta confusa, o que a deixa ainda mais vulnerável e maleável. Algumas táticas dele são tão sutis que são praticamente indetectáveis, facilitando para o abusador negar qualquer acusação de jogo sujo. Sua intuição lhe diz que há algo errado em seu relacionamento, mas você não tem evidências objetivas para provar. Você fica o tempo todo se questionando. Sente-se inconscientemente intimidada, mas não sabe por que, uma vez que não há nada que possa apontar. (NEAL, 2018, p. 36)

Práticas como essas são comuns em relacionamentos abusivos, pois é dessa forma que os abusadores geralmente agem. Para o gaslighting acontecer, o abusador faz a vítima duvidar

¹⁶ Os bastidores do primeiro encontro entre Verônica e Janete| Bom dia, Verônica| Netflix Brasil. 2021. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hY1rzMv46k0> Acesso em: 10 de outubro de 2022

da realidade, causando propositalmente, inseguranças e confusões nos pensamentos das vítimas. Para Miller (1999, p. 53)

A rotina da mulher que sofre abuso psicológico é de constante medo, onde ela nunca sabe qual será o próximo passo do companheiro, se ele ao chegar à casa trará flores ou se irá, mais uma vez, afirmar sua condição de subordinada e “estúpida” – ainda que satisfaça todos os seus desejos, ele nunca estará satisfeito e sempre encontrará uma maneira de atacá-la quando chegar do trabalho. (MILLER, 1999, p. 53).

Outro fator que confirma a violência de Brandão é o padrão chamado de bate/assopra. Segundo Neal (2018, p. 71) “O abusador não é malvado e cruel o tempo todo; (...) provavelmente ele a cobre de elogios quando quer. No entanto, assim que você confia e ele sente que depende dele de novo, dá outro golpe.” Dessa forma, Miller (1999, p. 217) afirma que o abusador “não se considera responsável pelo próprio comportamento. Acha que outras pessoas ou eventos o provocam, e, portanto, são os responsáveis. Considera o abuso justificável. Culpa a vítima. Projeção.”

Essa afirmação pode ser observada no momento em que Brandão justifica e culpa Janete pelos sequestros e torturas de mulheres, que fazem parte da fase 1. Na figura 7, encontramos os dois estágios da violência, conforme destacado acima pelo Instituto Maria da Penha (2018). Brandão costumava punir sua esposa, a espancava e afirmava, em tom de voz baixa, que Janete a desobedeceu, por esse motivo apanhou. Diante da prática de projeção do agressor, vemos também uma tentativa de adestramento e silenciamento imposto à vítima.

Figura 7 - Sinais 2 e 3 da Violência



Fonte: Captura de tela da série produzida pela Netflix (2022)

Nas imagens acima vemos duas fases da violência citadas no tópico anterior. Brandão corta os cabelos de Janete, a agride fisicamente, pois ela tentou fugir do cativado com uma das

vítimas da rodoviária. Em seguida a fase 3, na qual o policial militar oferece doces, fala calmamente e em tom baixo, como forma de apaziguar e manipular sua presa após agredi-la.

Outro fator a ser considerado na violência psicológica é a infantilização. Lacerda (2020) explica que o agressor pode agir de maneira incomum, "(...) como por exemplo, dar comida na boca e dar colo, mandar ir tomar banho e escovar os dentes." (LACERDA, 2020, p. 93). Após as agressões físicas, Brandão cuidava das feridas da esposa com zelo, como se não fosse ele o causador daquelas violências. Além disso, o policial também trazia café na cama, e costumava chamar Janete de "passarinha".

Na obra original, a explicação para isso está condicionada à infância de Brandão. A sua avó era uma índia com deficiência em um dos braços. Pessoas nas condições semelhantes às dela eram mortas na tribo. Um dia, um fotógrafo que estava pela região a salvou e a levou para o Maranhão. Nesse lugar, ela sofria violências físicas e sexuais praticadas por esse homem. Diante disso, eles tiveram uma filha, porém ele abandonou as duas.

Depois, a história se repetiu com a mãe de Brandão, pois o pai não assumiu o filho. Sem condições financeiras para cuidar do filho, a avó de Brandão assume a responsabilidade, e a mãe biológica vai para São Paulo. Diante de um histórico violento, o policial cresceu com ódio de sua mãe. Além disso, a sua avó costumava punir o neto colocando uma caixa em sua cabeça, em um local cheio de pássaros. Brandão deveria imitar o som deles de maneira fiel, até não errar mais. Esse seria o motivo que "justifica" os atos violentos de Brandão com Janete e com todas as mulheres do Maranhão sequestradas e mortas.

Diante disso, Neal (2018, p. 222) nos diz que: "Eu sempre lembro da história do pássaro na gaiola; mesmo depois que a porta é aberta, ele fica no lugar, com medo de aceitar sua potencial liberdade." Portanto, é possível compreender porque Brandão não amarra nem amordaça Janete após colocar a caixa de madeira em sua cabeça. Ele tinha plena certeza de que sua esposa nada faria, pois sua energia já estava baixa, a ponto de tolerar qualquer coisa.

Esse termo equivale a uma tática de controle, na qual o policial trata e mantém sua esposa como prisioneira, mas ao mesmo tempo lhe dá carinho e comida. Assim como são tratados os pássaros engaiolados, Brandão não a deixa viver com as suas próprias "asas". Nesse sentido, Janete está rendida e retraída física e emocionalmente, causando profundos efeitos traumáticos na sua vida.

Quando Janete descobre que está grávida, acredita que isso seria a salvação do seu casamento. Além disso, usa o filho como escudo para tentar entender porque Brandão comete violências de tamanha proporção. Por isso, desiste de matá-lo, a princípio. Após ouvir os traumas de infância do marido, Janete sente empatia por ele.

Avery Neal (2018) afirma que é comum vítimas de violência sentirem pena de seus abusadores. Eles não se responsabilizam por seus atos, tendem a culpar outras pessoas, mostrando-se como vítimas das situações. Numa estratégia manipuladora, o abusador age de maneira convincente ao contar histórias.

A autora relata que é comum parceiras acreditarem em falácias como a infância difícil como precursora de sofrimentos, numa tentativa de justificar os atos abusivos. Nesse sentido que o agressor usa o seu poder de persuasão para convencer a vítima de que vai se curar, - conforme observado na fase lua de mel (fase 3) - e de que ela é a única que o entende, por isso não pode deixá-lo. Brandão tentou justificar que sua mãe é a culpada pelo seu comportamento.

Mulheres as quais são extremamente empáticas e que evitam conflitos, são como terrenos férteis para os abusadores. Portanto, a autora faz um alerta: “Preste atenção no que o abusador fala de sua infância, de relacionamentos passados e experiências de trabalho. Se houver um padrão de coisas ruins que acontecem repetidamente com ele, pelas quais outra pessoa é responsável, fique atenta.” (NEAL, 2018, p. 70)

Quando Verônica abre os olhos de Janete, ela percebe que pode mudar as regras do jogo, então resolve reagir. Para Neal (2018) existem alguns fatores que provocam as reações. Ou a mulher confronta as agressões do seu algoz, ou se comporta como ele, seja de maneira verbal ou fisicamente. No caso de Janete, sua ação chegou a um nível extremo. De modo silencioso e calculado, ela tenta contra a vida do abusador.

Como Janete matou a avó do seu marido, houve uma revolta danosa que configurou em feminicídio. O abusador se sentiu confrontado, e vendo que não tinha mais poder sobre a vítima, explode de raiva. Dessa forma, não houve um final feliz para Janete, assim como não há para inúmeras vítimas da violência. A obra original e o seriado retrataram o final da personagem da mesma forma. Não houve adaptações.

As consequências para quem sofre violência são gravíssimas. Para Janete não foi diferente. A dona de casa aparentava estar esgotada, indecisa, e com um medo constante que a paralisava. Esse é um fato comum na vida das vítimas. Segundo Hirigoyen (2019, *apud*

LACERDA, 2020, p. 98) “esses estados depressivos estão ligados ao esgotamento, a um excesso de estresse. As vítimas sentem-se vazias, cansadas, sem energia. Nada mais lhes interessa. Não conseguem mais pensar ou concentrar-se, mesmo nas atividades mais banais.”

Por isso, é importante saber algumas recomendações sobre como agir diante disso. Segundo Neal (2018, p. 147) “Quando você tolera o abuso, envia um sinal claro ao abusador de que aceita seu tratamento, e ele tem permissão para continuar. O abuso só aumenta ao longo do tempo. (...) O objetivo do abusador, consciente ou não, é provocar uma reação.”

Diante disso, é importante ressaltar que embora seja comum sentir culpa, não é responsabilidade da vítima os abusos praticados e comportamentos de seus agressores. Nesse sentido, contar com o apoio de familiares expõe as condutas do abusador ao público.

O agressor não consegue controlar o que temos e sentimos por dentro, mas é necessário fazer um exercício diário para sair da dependência emocional no qual a vítima está inserida. Colocar pra fora o que sente, ter o luto necessário que todo relacionamento saudável ou não causa após um término.

Qualquer ruptura amorosa é dolorosa, ainda mais diante de um ciclo violento. A vítima pode explorar todos os seus sentimentos ao expeli-los, seja raiva, frustração, tristeza. É importante senti-las e não as guardar para si. Esse é um processo libertador para voltar a viver e entender os seus princípios.

Após passar pelo processo da violência, e entender como ela funciona, é possível abandonar o medo e definir limites para que isso não ocorra novamente. E caso ocorra, a vítima consegue fugir o mais rápido que puder. Quanto mais conhecimento e informação a vítima obter, mais fácil será de se pôr em primeiro lugar, além de valorizar e impor respeito, sem violar as suas convicções.

5 CONCLUSÃO

Diante do que foi abordado ao longo deste estudo, constatou-se que os objetivos propostos nesta pesquisa foram cumpridos, pois conseguimos analisar a personagem Janete, passo a passo: primeiramente, através do aspecto estrutural da narrativa, sendo esta personagem redonda diante de sua complexidade, pois embora seja uma história fictícia, ela se enquadra a realidade; atrelado a esse objetivo, conhecemos como se deu o processo de construção desse papel através da co autora da obra, bem como da atriz escolhida para o seriado.

Falamos sobre o romance e o seriado *Bom dia, Verônica* (2016; 2020), conhecemos quem são os seus autores, como idealizaram e escreveram a obra, e quais dificuldades enfrentaram nesse processo. Em seguida, partimos para a história de Janete. Foi possível ter uma noção do quão difícil é estar na condição de vítima de violência física e psicológica, ainda mais por alguém tão próximo, e a quem ela demonstrava afeição, como o seu marido.

Podemos notar, a partir do estudo, o quanto ela estava inferiorizada, subjugada, invisível e humilhada, e como esse estado denegriu a sua autoestima, bem como a sua saúde mental. Vendo a situação anormal da vítima e o desconhecimento sobre o que estava vivenciando, foi preciso descrever, de modo especificado, porque a violência psicológica de gênero é uma conduta tão grave, de onde começa e como ocorre.

Nesse contexto, os estudos mostram que este é um tema frequente, estereotipado e velado, pois ao discutir sobre que papéis a mulher representa na sociedade, refletimos e entendemos o porquê a violência de gênero ainda é algo tão permanente na nossa realidade. Notamos que a violência psicológica pode ser ainda mais danosa que a violência física. Entretanto, existem caminhos que podem ser libertadores. Nesse sentido, conseguimos informar alguns meios que podem minimizar esse problema.

Os resultados da pesquisa foram satisfatórios, pois trouxemos teóricos e estudiosos que concretizam a nossa pesquisa, e a partir deles fizemos descobertas. Compreendemos por que motivos existem e como ocorre o ciclo da violência, por que as mulheres não denunciam seus agressores, o que é *gaslighting* e suas consequências, bem como de leis recentes que tendem a mudar a educação nas escolas diante do assunto, além das posturas individuais e preventivas para a mulher, e de tipos penais as quais abrangem, apresentam qualificadoras e informam como comprovar os atos violentos para se obter uma segurança forte; como identificar o agressor, além

de responder à pergunta deste trabalho, ou seja, como detectar que a personagem Janete é vítima de violência psicológica.

Portanto, a pesquisa aqui apresentada foi fruto de muitos conhecimentos. Nesse sentido, constatamos que tratar sobre esse tema contribuiu de forma significativa para a desconstrução de muitas ideias, trazendo muitas reflexões e alertas. Sabemos que uma só conduta não erradica a violência, mas sim um conjunto de fatores e informações. A arte da literatura é uma manifestação inesgotável de conhecimentos. Sua função acadêmica e social é extremamente importante para o aprofundamento de assuntos necessários e urgentes como a violência contra a mulher. Nesse sentido, pesquisas como essa não devem acabar aqui. Por esse motivo, é fundamental que esse estudo seja ampliado e aprofundado, causando interesse não só para mulheres, mas para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA SENADO. **Violência contra a mulher aumentou no último ano, revela pesquisa do DataSenado**. Senado Notícias. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/12/09/violencia-contra-a-mulher-aumentou-no-ultimo-ano-revela-pesquisa-do-datasenado> Acesso em: 09 de novembro de 2022.
- AMENDOLA, Beatriz. **‘Bom dia, Verônica’ é suspense que denuncia violência contra a mulher**. UOL. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/01/bom-dia-veronica-e-suspense-que-denuncia-violencia-contra-a-mulher.htm> Acesso em: 12 de abril de 2022.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Fatos e Mitos (Vol. 1). 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BOM dia Verônica. Direção: José Henrique Fonseca, Izabel Jaguaibe e Rog de Souza. Produção: José Henrique Fonseca, Eduardo Pop, Ilana Casoy e Raphael Montes. Brasil: Netflix Brasil, 2020.
- Bom dia, Verônica (Netflix) | Entrevista com o elenco e roteiristas. 2020. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal InstaCinéfilos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iZE3aPBgoAo> Acesso em: 28 de outubro de 2022.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo, Ática, 1985.
- BRASIL. **Lei nº 11.340, de 07 agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm Acesso em: 21 de abril de 2022.
- BRASIL. **Lei nº 14.188, de 28 de julho de 2021**. Define o programa de cooperação Sinal Vermelho contra a Violência Doméstica [...] e para criar o tipo penal de violência psicológica contra a mulher. Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14188.htm#art4 Acesso em: 21 de abril de 2022.
- BRASIL. **Lei nº 14.164, de 10 de junho de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher. Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14164.htm Acesso em: 10 de novembro de 2022.
- BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL, Ubiratan. **‘Estadão’ revela quem é a dupla que escreveu ‘Bom dia, Verônica’**. Estadão. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,estado-revela-quem-e-a-dupla-que-escreveu-bom-dia-veronica,70002990216> Acesso em: 20 de abril de 2022.
- Camila Morgado fala mais um pouco da Janete em “Bom dia, Verônica”. 2020. 1 vídeo (2’56 min). Publicado pelo canal Tati Sousa. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=j8R_iNq-hTc&t=110s Acesso em: 08 de outubro de 2022

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de Cinema e Televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória.** 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CÂNDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

Ciclo de violência, saiba identificar as três principais fases do ciclo e entenda como ele funciona. **Instituto Maria da Penha.** 2018. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html> Acesso em: 08 de novembro de 2022.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da Teoria – Literatura e Senso Comum.** 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres.** 2008. Disponível em: http://www.reprolatina.institucional.ws/site/respositorio/materiais_apoio/textos_de_apoio/Genero_poder_e_empoderamento_das_mulheres.pdf Acesso em: 09 de novembro de 2022.

DIAS, Maria Berenice. **A lei Maria da Penha na justiça: a efetividade da lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher.** Revista dos Tribunais, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/view/2153> Acesso em: 21 de abril de 2022.

ENTRETANTO, Revista. **A educação no combate à violência contra a mulher: escola também é lugar de transformação e eliminação das diferenças e conflitos sociais.** 2020. Disponível em: <https://entretantoeducacao.com.br/educacao/educacao-combateviolencia-contra-mulheres/>

FIELD, Syd. **Roteiro – Os Fundamentos do Roteirismo.** Curitiba: Arte & Letra, 2009.

FONSECA, D.H., Ribeiro, C. G.; & Leal, N. S. B. (2012). Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, 24(2), 307-314. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.pdf> Acesso em: 11 de maio de 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FÓRUM DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e invisível: A vitimização de mulheres no Brasil.** – 3 edição – 2021. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-3ed/ Acesso em: 08 de novembro de 2022.

FORWARD, Susan; TORRES, Joan. **Homens que odeiam suas mulheres e as mulheres que os amam.** Tradução: Alfredo Barcelos. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989.

Ilana Casoy. Wikiwand. Disponível em: https://www.wikiwand.com/pt/Ilana_Casoy Acesso em: 27 de outubro 2022

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Ática, 1991.

GOMES, Nadirlene Pereira et al. **Violência conjugal: elementos que favorecem o reconhecimento do agravo.** Revista Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 36, n. 95, p. 514-522, dec. 2012.

KILLMORE, Andréa, CASOY, Ilana; MONTES, Raphael. **Bom, dia Verônica**. 2- ed. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2016, 256 p.

LACERDA, Eugênia. **Violência doméstica psicológica**: Como identificar e prevenir uma relação abusiva. Editora independente. 2020. 134 p. *E-book*.

MASSI, Fernanda. **O romance policial do século XXI**: manutenção, transgressão e inovação do gênero. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MILLER, Mary Susan. **Feridas invisíveis: abuso não físico contra mulheres** – São Paulo: Summus, 1999.

MODUS OPERANDI. Bom dia, Verônica | Ilana Casoy e Raphael Montes falam da série. Youtube, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VEpC_GI-o6c acesso em: 28 de agosto de 2021.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 20 ed. São Paulo, Cultrix, 2006.

NEAL, Avery. **Relações destrutivas**: se ele é tão bom assim, por que eu me sinto tão mal? Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Editora Gente, 2018, 256 p.

Os bastidores do primeiro encontro entre Verônica e Janete | Bom dia, Verônica | Netflix Brasil. 2021. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hY1rzMv46k0> Acesso em: 10 de outubro de 2022

Palestra: Violência psicológica e a Lei 14.188/21 | Rogério Sanches. 2021. 1 vídeo (1'04 min). Publicado pelo canal ejurr. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hY1rzMv46k0> Acesso em: 20 de julho de 2022

POLATO, Amanda. **Entenda o ciclo do relacionamento abusivo**. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/06/entenda-o-ciclo-do-relacionamento-abusivo.ghtml>. Acesso em: 22 de agosto de 2022.

RAMOS, Ana Luisa Schmidt. **Violência psicológica contra a mulher**: o dano psíquico como crime de lesão corporal. 2. ed. Florianópolis: Ematis, 2019.

Raphael Montes - Wikiwand. Disponível em: https://www.wikiwand.com/pt/Raphael_Montes Acesso em: 27 de outubro 2022

REDAÇÃO CONTIGO. **PRÊMIO CONTIGO! 2020: Melhor atriz coadjuvante, Camila Morgado agradece: “Importante e urgente”**. Contigo! Disponível em: <https://contigo.uol.com.br/noticias/exclusivas/premio-contigo-2020-melhor-atriz-coadjuvante-camila-morgado-agradece-importante-e-urgente.phtml> Acesso em: 08 de outubro de 2022.

ROCHA, Martha M. Violência contra a Mulher. In: TAQUETTE, Stella R. (Org). **Violência contra a Mulher Adolescente/Jovem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTIAGO, Angélica; BORGES, Lize. **Violência psicológica de gênero no direito civil**. São Paulo: Editora Blimunda, 2022. *E-book*.

SANTOS, Guilherme. **O uso da tecnologia na formulação de políticas públicas voltadas à prevenção ao combate à violência contra a mulher**. 2021, 133 p. Tese de

Doutorado. Fundação Getúlio Vargas Escola de Políticas Públicas e Governo. Brasília, 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Luciane Ramos; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. Versão Online. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/9SG5zGMVt4VFDZtzbX97MkP/?lang=pt> Acesso em: 09 de novembro de 2022.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

SIQUEIRA, C. A.; ROCHA, E. S. S. **Violência psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno**. 2019.

SOUZA, H.L; CASSAB, L.A. **Feridas que não se curam: A violência psicológica cometida à mulher pelo companheiro**. In: ANAIS DO I SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS. 2010. Londrina. Anais eletrônicos [...] Universidade Estadual de Londrina. 2010, p. 38-46. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/5.HugoLeonardo.pdf> Acesso em: 22 de outubro de 2022.

TAWIL, Susan Subihie. **Evolução legislativa na proteção à mulher e a aplicabilidade da lei Maria da Penha**. Monografia apresentada ao Núcleo de Trabalho de Curso da UniEvangélica. Anápolis, 2018.

Violência contra as mulheres: O que é feminicídio? | Papo rápido | Papo de Segunda. 2020. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal GNT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-CabjmNUk18> Acesso em: 08 de agosto de 2022.